

Vol. VI
Num. 9

Continua na pág. 1461



O BRASIL E O CONGRESSO DE UTRECHT (Fragmento da História diplomática do Brasil)

OLIVEIRA LIMA

Representando o Brasil no século XVIII o melhor do império colonial português, é natural que os seus destinos compromettidos pelas ambições territoriais dos franceses do Norte e dos espanhóis no Sul, fossem constituídos a maior das preocupações dos plenipotenciários da Real do Congresso de Utrecht, pelo qual se pôs termo a guerra da sucessão da Espanha. Tanto mais legítimas apareceram estas preocupações, quanto a Grã-Bretanha na sua anexa pela paz, por Bolingbroke e Harley (Oxford) alcançava pelos meios mais baixos e caros, abandonara o seu velho aliado a todos os azarres da fortuna diplomática, que aliás o serviu com a habilidade de L. Luiz da Cunha, a quem o Brasil deve, em última instância, os seus recentes sucessos das Missões do Oiapock.

Na Inglaterra não passaram entretanto despercebidas a fragor feita ao amigo tradicional e a afronta ao brão nacional. A rainha Anna morreu logo depois da reunião do Congresso, em 1712, e um dos grandes lópticos da acusação levantada pelos "whigs", que patrocinavam a sucessão protestante e a candidatura do rei de Hannover com o apoio da Câmara dos Comuns, a qual Walpole ia dotar de toda a força, contra os "tories", que preferiam a sucessão masulmana dos Stuart embora com suas premissões católicas, juram justamente aquelas negociações para a paz, em que se dizia terem sido sacrificadas a honra e segurança imples, pois que a França delas saía afinal de posse quase da sua fronteira almejada e com as vantagens adquiridas.

Bolingbroke foi sem contestação um dos políticos de mais peregrino talento e de mais extensas habilitações que não figurado no cenário de Westminster, mas o seu epitáfio era igual à sua capacidade. O que sobretudo visava era a sua conservação no poder, e a esta consideração pessoal inolava os próprios interesses patrióticos. Oxford nos é descrito pelos historiadores britânicos como um espírito inerte, que nunca sabia querer com firmeza e deixava por isso passar a melhor oportunidade do restabelecimento da dinastia nacional, quando se podia afirmar sem exagero que dois terços da Grã-Bretanha e Escócia vibravam como jacintas.

A França de Luiz XIV sustentara sempre os pretendentes, reconhecendo a corte inglesa de Saint-Germain, mas a regência de Philippe d'Orléans, mudando o volume e prestígio do elemento jacobita de aliena Mancha, preferiu aproximar-se de Jorge I, julgando por um lado perdida em Inglaterra a causa do pai-mãe e por outro lado receuando os esforços de Alberoni para reconstruir o poder continental da Espanha, destruído em Utrecht com a transferência para a Áustria das suas sucessões e possessões na Itália e Países Baixos. E' sabido como as aspirações grandiosas de Philippe V determinaram a aliança da Inglaterra, França, Holanda e Áustria a queda do seu ministro.

O abandono de Portugal em Utrecht foi de resto lançado em rosto a Bolingbroke quando em 1725, Jorge I lhe concedeu o perdão, e Walpole defendeu um projeto de lei restituindo-lhe seus bens e títulos. Carlos "Whigs" criticaram severamente esta indulgência e Michael particularmente, o antigo ministro em Lisboa que então exercia o cargo de fiscal da Real Casa, denunciou na Câmara dos Comuns a conduta escandalosa e viciada de Bolingbroke durante sua administração, expostando as suas negociações clandestinas para a paz, a sua atitude insolente para com os "aliados da Interobera", a sua deserção dos Catalães revoltados, e seu desdém dos interesses da confederação e do decoro britânico.

E tão manifesto e irritante foi aquele proceder, que Walpole em 1726 julgou dever intervir energeticamente em favor de Portugal na questão dos criados do embaixador português em Madrid, a qual ameaçava degenerar numa guerra entre as duas nações ibéricas. O fato, se parece até certo ponto natural, por quanto Walpole sempre se fez o opositor do tratado de Utrecht, com o seu famoso discurso de 1734, pela segunda vez, espelha do vício público, não deixa ao mesmo tempo de ser singular, por escarmos, habituados a ver em Walpole um partidário estrito da paz e da não intervenção. Na referida ocasião, se bem que mostrando imparcialidade, não permitindo que Portugal exigisse uma satisfação demasiada, Walpole compeliu a Espanha a atribuir o caso ao arbitramento da Inglaterra e da França.

Pouco havia justamente que Walpole incorreria em seria censura em seu país por motivo da neutralidade observada em 1733 entre a Espanha e a França de um lado, ligadas pelo primeiro pacto de família, a esse tempo secreto, e do outro a Áustria na contenda que terminou com a colocação do infante D. Carlos (depois Carlos III de Espanha) no trono real das Duas Sicílias e de Estanislau Leszcynski da Polónia no trono dual da Lorena. Para o grande "commoner" para o fidalgo rural que primeiro sistematizou o regime representativo inglês, estava incompatibilidade entre a guerra e as boas finanças, e era com um fulbo sincero que ele exclamava após a aludida campanha, que posto fizessem harida cinquenta mil europeus friccionados, os campos de batalha continentais não viram cair um só soldado inglês.

Rio

(Almanaque Garnier — 1908).

ADVERTENCIA DO "SECRETARIO DE EL REY"

OLIVEIRA LIMA

O autor, denominando esta peça nacional, acredita que ela merece tal nome, se bem que a sua ação seja passada em Portugal.

Em primeiro lugar o nosso período histórico anterior à Independência envolve forçosamente uma tão íntima ligação da colônia com a metrópole que é quase impossível, ao tratar de uma, perder a outra, de vista. As comunicações materiais e sobretudo as relações morais estabeleciam como que uma continuidade territorial entre os dois lados do Atlântico, que formavam uma só pátria. Demais irrealizável seria fazer passar a ação no Brasil desde o momento em que o protagonista da peça, talvez o mais ilustre Brasileiro do século XVII e cuja fi-

gura merecia, como poucas, a consagração cênica, viveu na Europa a partir da sua primeira juventude. Por idéntico motivo passa-se em Lisboa a ação do O'Porto e a Inquisição, de Domingos de Maxalhães, a nossa primeira trágica nacional. Por fim lembrará o autor que o espírito da sua peça é inteiramente brasileiro, visando, a simbolizar — qualquer pretensão mais direta seria anacrônica — a diferenciação que se ia assinalando entre o reino e a sua colônia americana, destinada a continuar-lhe e propagar-lhe a tradição histórica no Novo Mundo, e cuja importância econômica e política ia-se tornando cada dia mais manifesta.

Block Island, R. J., Julho-Agosto de 1899.

BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA LIMA

- Pernambuco e seu desenvolvimento histórico. Leipzig, 1894.
- Aspectos da Literatura Colonial Brasileira. Leipzig, 1898.
- Nos Estados Unidos. Leipzig, 1899.
- Sept Ans de République au Brésil. Paris, 1896.
- Memória sobre o descobrimento do Brasil. Rio, 1900.
- O reconhecimento do Império. Paris, 1902.
- No Japão. Rio, 1904.
- Relação dos manuscritos do Museu britânico. Rio, 1903.
- Flop de Varnhagen. Rio, 1903. (Discursos Acadêmicos, v. 1.)
- O Japão. Rio, 1903.
- O Secretário del Rei. Rio, 1904.
- Vida diplomática (conferência). Recife, 1904.
- O Padre Manuel de Moraes. S. Paulo, 1907.
- Saudação a Artur Orlando na Academia Brasileira de Letras. Disc., pronunciado em 28-12-1907. (Discursos Acadêmicos, v. 2.)
- José Bonifácio e o movimento da Independência. S. Paulo, 1907.
- Gustave Beyer. S. Paulo, 1907.
- Pan-americanismo. Bolívar-Monroe — Roosevelt. Rio, 1908.
- Causas diplomáticas. Lisboa, 1908.
- D. João VI no Brasil (dois volumes). Rio, 1909.
- Le Brésil, ses limites actuelles, ses voies de pénétration. Rapports présentés au Congrès de Géographie de Genève. Antuerpia, 1909.
- Deix Memórias sur l'évolution de Rio de Janeiro, présentés au Congrès des Américanistes à Vienne, Viena, 1909. (A primeira dessas memórias é de Oliveira Lima.)
- La Langue portugaise, la littérature brésilienne. (Conferência) Antuerpia, 1909.
- Marchado de Asís et son oeuvre littéraire. Asvni-propos de Anatole France. Paris, 1909.
- La Conquête du Brésil (Conferência). Bruxelas, 1910.
- Le Brésil et les étrangers. (Conferência). Antuerpia, 1911.
- Formation historique de la nationalité brésilienne (Conferências na Sorbonne) Paris, 1911. — Trad., esp. Madrid, 1918.
- A proteção dos aborígenes brasileiros. Londres, 1912.
- Evolução histórica da América Latina comparada com a da América Inglesa. (Série de conferências feitas em 12 Universidades Americanas). Rio, 1914 — Trad., ingl., California — Trad., esp., Madrid, 1916.
- O meu caso. Rio, 1913.
- História da Revolução de Pernambuco de 1817. Recife, 1917.
- Fundação de uma maternidade em Pernambuco (discurso). Recife, 1919.
- Na Argentina. Impressões de 1918-1919. S. Paulo, 1919 — Trad., esp., Montevideo, 1920.
- História da Civilização. São Paulo, 1921.
- O Movimento da Independência, 1821-1822. S. Paulo, 1922.
- Aspectos da história e da cultura do Brasil (Conferências inaugurais da cadeira de estudos Brasileiros). Lisboa, 1923.
- A nova Lusitânia. Cap. VII do vol. II da História da Colonização Portuguesa do Brasil. Porto, 1924.
- D. Pedro e D. Miguel. A

(Continua na pág. 137)

OLIVEIRA LIMA,

Embora pernambucano de nascimento, Oliveira Lima formou o seu espírito no velho Portugal, para onde se transportou aos seis anos de idade, aperfeiçoou-o nos centros mais estudados da Europa, com a virtude, porém, de nunca se ter esquecido da pátria longínqua, cuja história estudava. Prova disto é que seu trabalho de estrito foi dedicado ao seu berço — "Pernambuco, seu desenvolvimento histórico". Apesar de escrito por um jovem de vinte e três anos de idade, ainda hoje é considerado o melhor livro de história sobre Pernambuco. Também outra prova de afição pela sua terra natal é ter procurado numa família pernambucana a feliz companhia de seus dias e visitar periodicamente o Estado que se orgulha de o ter como um dos mais distintos filhos.

A princípio devido a carreira diplomática, presentemente em virtude de ter de dedicar-se ao professorado nos Estados Unidos que disputam o seu saber e o seu mérito, Oliveira Lima vem a Pernambuco somente "matar saudades".

Aqui se hospeda numa chácara de Parnamirim ou no pequeno Cachoeirinha.

Parnamirim — "Parand-mirim", o rianho — é um arruado do Recife, a cinco quilômetros do centro da cidade, servido por uma linha via-ferrea suburbana e hoje pelos carros elétricos da "Pernambuco Tramways". Esta a margem esquerda do Capangue, cortado pelo riacho que lhe deu nome e que se tornou celebre na primeira fase da guerra contra os holandeses. O clima é amenizado pela grande quantidade de árvores frutíferas que circundam a casa em que habita — propriedade de pessoa de sua família.

No Parnamirim passa o grande escritor a maior parte do tempo de suas visitas à terra natal. Dai lhe saíram os originaes da "História da Revolução de 1817", do "Na Argentina" e da "História da Civilização", prestes a aparecer.

Cachoeirinha é um antigo engenho de açúcar, morado a água, sistema que no século XVII, conforme frei Vicente do Salvador, era a perfeição das fábricas dessa natureza.

Está situado entre os municípios da Vitória e Escada, a seis mil quilômetros de cada uma das cidades que lhes servem de sede — para o norte em demanda da primeira e para o sul em demanda da segunda — ambas cortadas por linhas ferreas, distantes apenas dez léguas da capital.

A propriedade é banhada pelo rio Pirapama, de água límpida, cristalina, o qual cascata de declive em declive duma altitude de quatrocentos metros, formando pequenas cachoeiras em sua marcha vigorosa para o Atlântico.

A "casa grande" — denominação colonial das antigas habitações dos proprietários de engenhos para diferenciá-las das pequenas das moradias dos lavradores ou das antigas senzalas — confortável, higiênico e espaçoso edifício de sólida construção, está situada na encosta de uma colina, à margem direita do Pirapama, com a fachada para o oriente, recebendo a ventação constante que sopra pelo vale do rio.

Al se posa de uma temperatura branda, muito diversa da do litoral em que está edificada a cidade do Recife, quase ao mesmo nível do mar.

Solar de um dos rebentos do florentino Caracanti que tanto contribuiu para a opulência da nobreza pernambucana, Cachoeirinha é propriedade comum da sogra, esposa e cunhadas de Oliveira Lima. Ai, quando Pernambuco tem a ventura de o hospedar, passa ele algum tempo, mormente na quadra em que a temperatura mais se eleva no litoral, ou quando está a exercer trabalho de maior vulto.

Em Cachoeirinha concluiu Oliveira Lima o seu famoso "D. João VI", há uma década; ai reviu as provas da "História da Civilização" em vésperas de sair do prelo de uma casa editora de S. Paulo e ai está ele agora a braços com a "História da Independência", monumento com que a literatura nacional vai comemorar o primeiro centenário de nossa emancipação política.

Tendo a estrutura de privar da intimidade desse grande brasileiro — o maior pernambucano de nossos dias — e de ter podido por mais uma vez das delícias que Cachoeirinha oferece aos que consomem seus dias no borborinho da vida intensa da capital, não queremos deixar a outro a indiscreção de divulgar os seus hábitos.

Oliveira Lima é, sobretudo, um homem metódico, com extraordinária capacidade de trabalho. Dai a sua grande vitória intelectual. Tem tempo para tudo, sem faltar também aos deveres de sociedade e sem privar o espírito de umas tantas diversões.

Outro traço característico de sua vida é a bondade de seu coração, selecionando amizades — como ele sabe ser amigo! — mas acolhendo a todos, amparando os fracos, animando os que vacilam, incentivando os que trabalham, elevando sempre o mérito dos outros, sem ciúmes nem rivalidades.

Entre estudantes é quase um colegial. Se o convidam para qualquer solenidade acadêmica, para qualquer reunião intelectual, ele esquece que é o príncipe de nossas letras e sem indecência participa das festas do talento. Entre literatos que costumam, faz-se de quase estridente nas letras. Frequenta as tertúlias e ampara os plúmbeos diminuindo-se sem fazer modestia para que relevo tenham os que procuram encarecer-se. Vinô-lo assim tomando parte em festas colegiais de distribuição de prêmios, nas sessões do Centro Acadêmico de Direito, nas reuniões do Congresso de Estudantes, nas apoteoses de neo-literatos, com a mesma bonhomia com que frequenta as sessões do Instituto arqueológico pernambucano.

Oliveira Lima dorme habitualmente às 21 horas e acorda às 5. Inicia logo o trabalho que mais atenção lhe está despertando e só o interrompe às 7 horas para o café levado ao gabinete. Se está na cidade lê, em poucos minutos, os jornais de sua simpatia. Às 8 horas vai ao banho e continua, ao repressar, o seu trabalho até às 10, quando o almoço estará impetritavelmente à mesa.

Recomeça o trabalho às 11 horas e só o deixa às 16, quando lhe servem o jantar.

Se está na cidade e tem qualquer trabalho externo ou alguma reunião, sai entre 13 e 16 horas, demorando alguns minutos no "Diário de Pernambuco" de que é colaborador, e na "Livraria Contemporânea", onde se abastece do material de escritório.

Raramente sai à noite, nem mesmo para espetáculos... afim de não perturbar o sono reparador dos criados. Sempre que é possível, faz suas visitas aos domingos, durante o dia.

Terminado o jantar, não mais escreve. Na capital, põe uma

INTIMO - Mario Melo

Olivia de balcão na oitavo leste da sua casa do Parnamirim e trabalha com a família até as 20 horas. Quando se dispersa, compra alguns mingos. No campo, vai para o terraço da "Casa Grande" e aí se consorça até as 20 horas, quando se recolhe ao quarto, lá ainda durando uma hora e dorme a larca.

Quem vê Oliveira Lima com toda sua adiposidade, quase negro, a pesar 144 quilogramas, julga que ali está o protótipo da gastronomia. Puro engano. Poucos terão, como ele, tanta sofisticação à mesa.

Às manhãs toma uma xícara de café e uma torrada. Ao almoço, raramente se serve de peixe, carne ou aves; em geral toma legumes, frutas, bolos e doces. O jantar é sua refeição preferida; mesmo assim não se serve de mais de dois pratos — um de carne ou aves. Se ao almoço se tem serrido de qualquer espécie, ou deles se abatem ou não toca em nada de vinho e com a maior parcimônia. Não dispensa, porém, ao jantar, legumes, frutas, doces, bolos e queijo. Raramente sempre o almoço ou jantar tem uma xícara de chá. À noite não toma alimento algum nem chá. Abomina o álcool sob qualquer forma. Após as refeições toma duas xícaras de leite.

Oliveira Lima teve a rara felicidade de encontrar pela primeira vez uma mulher senhora. Além de uma dona de casa com uma inteligência clara e uma ilustração admirável. Conheceu a fundo português, francês, espanhol, italiano, inglês e outras línguas que fala com a maior naturalidade.

Em contraste com a caligrafia do marido que ele próprio não escrevia no dia seguinte, como tem confessado, possuiu a. Flora Oliveira Lima uma letra masculina, de traços fortes, muito clara, muito legível, capaz de enganar qualquer grafólogo sobre a natureza e a profissão de seu possuidor.

A ilustrada senhora acumulava a profissão de dona de casa com a de secretária do marido. É uma grande colaboradora das obras literárias de Oliveira Lima e de seus artigos de imprensa. É o nome de suas conferências.

Ele estuda, medita e rascunha sozinho o trabalho que o professor, enviando-o a uma meia-folha de papel amarelo, sem lauda e sem espaço para emendas. Depois, tendo em mãos aquele hieroglífico, dá o texto definitivo à sua secretária. Sai então um trabalho limpo, perfeito, completo, sem que na redação se lhe precise dar uma virgula sequer.

Oliveira Lima não deixa carta sem resposta, venha donde venha. Somente as abre com uma tesoura ou canivete, para não machucar a sobreentenda. Depois de respondida, põe-nas em ordem cronológica de cada ano e as coleciona. As respostas são protocoladas. Quando o correio extravai alguma, pode com segurança dizer o dia em que a escreveu, o assunto de que tratou e a data aproximada em que a expediu. Das mais importantes deixa cópia, e esta é usada em referência aos telegramas.

Os livros são o maior encanto de Oliveira Lima. Tem, assim, um gosto especial. Quando de qualquer deles precisa para uma consulta ou citação se vale de sua esplêndida memória e nada lhe falta. Embora não muito admirador de jornais, arruma-os sempre de lei, e a por certo tempo os coleciona.

Em matéria de religião, Oliveira Lima diz-se católico-histórico, nasceu num país católico e nessa crença foi educado. Contudo, das mais puras a moral católica e não mudará de religião. Possui com o maior respeito as solemnidades de qualquer religião. É tolerante para todos os credos, o que lhe ia quase valendo como reconhecimento de uma parte do clero pernambucano por ter trabalhado para que a Associação Cristã de Moços tivesse sede própria na Recife. Como brasileiro, atendendo aos serviços que o Brasil colonial prestaram aos missionários católicos, especialmente os jesuítas, não pode deixar de ter as maiores simpatias pelo catolicismo.

Toda a liturgia lhe merece atenção. Até mesmo a prática comum no interior de "fechar o corpo" com benção ou ajuda, "espíndela caída" com orações e sinais cabalísticos. Espírito superior, Oliveira Lima tanto se distraía com as diversões da alta sociedade como com as das nossas tradições populares. Aplaudia uma modinha brasileira acompanhada a violão, em noite de luar, com prazer maior do que um trecho clássico de Wagner, Verdi ou Massenet. Agora mesmo, na época de natal, promoveu a fundação da Cachoeirinha de um grupo de pastores, para realização de uma festa tradicional do norte. E era um encanto ver aquele grande espírito se deliciava tanto apreciando cinco mulheres ignorantes, sem vozes educadas, sem estudos coreográficos, sem mímica, a cantarem versos como

A flor do ananás
É Abacaxi quando vai crescendo
Abacaxi, Abacaxi
Viva a folia deste pastoril

a saltarem, a gesticularem num improvisado palco de táboas e pilas sobre barricas de bacalhau, com acompanhamento de gaita e zabumba, como se diante dos olhos estivessem Pawlow e Duxana no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ou a apreciar pelo carnaval, também por ele atraído para o engenho, um maracatu de uma povoação próxima, com as suas vestes esquisitas, as suas danças exóticas, a sua orquestra original, a enloar láos como

Deus no céu e rei na terra
E na escada o seu barão; (*)
A nação Cambiá-Nova
É a primeira nação.

Se existisse no tempo de Plutarco, Oliveira Lima teria sido um de seus heróis. É talvez, entre os brasileiros da atualidade, o único caráter que não se amolda às conveniências do momento. Diz o que pensa, como pensa e porque pensa, sem se incomodar com as consequências. A palavra para ele não é um subterfúgio do pensamento, mas a tradução fiel do seu pensar.

Os seus inimigos — inimigos que surgem das divergências no analisar com a sua liberdade os homens e os fatos — só lhe foram encontrados um defeito na vida, o único que lhe atraiam a face no calor das discussões, quando feridos pela sua pena cingente: Ser gordo de mais...

Cachoeirinha (Pernambuco) Fevereiro de 1920 — ("Rev. do Brasil" — Julho — 1942.

(*) Barão de Suassuna.



Oliveira Lima, num retrato de H. Bernardelli.

Rocha Pitta -- Oliveira Lima

Era Rocha Pitta (1668 — 1738) um fazendeiro abastado, bacharelado em Coimbra, e que, começando por entregar-se às letras como passatempo, dedicou-lhes a pouco e pouco o mármio de seu fervor espiritual, sobretudo quando o empolgo do pensamento, levado a cabo, de compendiar os acontecimentos e enaltecer os heroísmos de que o Brasil fora então teatro. O entusiasmo inicial da ideia sustentou-se durante toda a sua existência, e floresce no estilo em excesso imaginoso da obra, na qual, debate das exagerações retóricas, sentem-se pulsar uma comção sincera e um patriotismo, ou melhor, um americanismo eloquente. Rocha Pitta tem sido acusado de não se mostrar bastante brasileiro, no sentido de render convicção dedicação ao domínio português.

O próprio título do seu livro parece indicar tal tendência, que o sr. Silvio Romero qualifica de lusitano: "História da América Portuguesa" e não do Brasil. Escreveu o livro a Academia de História de Lisboa. Acho, contudo, fraco motivo para censuras semelhante ausência em um escritor dos princípios do século XVIII, de um sentimento de pátria, o qual na realidade era ainda forçosamente embrionário, vago ou pelo menos mal definido, portanto, para mais, de poucas esperanças e reclamando, para adquirir consistência e intenção, a sugestão atmosférica das sedições. No nosso historiador impera, entretanto, a simpatia pelo que é da sua terra. Leia-se na exposição de então recentíssima guerra das mascadas, os doces sentenciamentos por ele lançados do governador e aos mercadores portugueses, e a defesa da nobreza pernambucana — a qual aliás

pertencia a família do escritor — senão exercida com parcialidade ou mesmo com desasombro, enérgica quanto lho permitiam a gravidade e a cortesia do seu estilo. Estas e outras narrações históricas são geralmente esboçadas no livro de Rocha Pitta com escrupulosa exatidão, e com uma fluência e elevação de estilo que o gongorismo não corrompe em demasia. Nas descrições e que as imagens se agrupam mais, certezas, as hiperboles se detranham mais facilmente, as comparações e antitesas agriem com maior presteza. Comparações e antitesas que são constantemente bebidas no manancial clássico, mereço do seio da erudição, porquanto no humanismo entra sempre o culteranismo do século XVII, ao inverso da moderna roação romântica, que pede diretamente à natureza o melhor da sua inspiração.

Não deixava, no entanto, o autor de perceber que sob a influência da corrente neo-clássica, transladada da Corte de Luiz XIV e facilmente na da D. João V pelos esforços do conde da Ericeira, o elegante tradutor de Boileau, os seus figurinos já iam passando de moda. Por isso, no prólogo da "América Portuguesa" destacam-se estas palavras ao "leitor discreto": "Se em alguns termos o estilo se parecer encarecido, ou em algumas matérias denovado o ornato, reconheço que eu me não dilato a variedade: das figuras careço da viveza das cores e das valências do pincel..."

Com efeito, se, como creio, merece desculpa o gongorismo deve Rocha Pitta ser um dos seus discípulos mais perdoados; não somente por ter fugido, no meio da sua erudição retó-

rica, de extravagâncias em que degeneraram as primordiais utilidades dos culteranistas e que se assemelham sensivelmente com as atuais excentricidades do simbolismo, decadismo e outras escolas poéticas anarquistas, de desesperadora esterilidade, como pela razão que ele justamente invoca — a da magnitude do assunto escolhido — para melhor dizer, do cenário em que o assunto tinha de ser tratado. O estilo do batano forçava por acompanhar as aspirações do meio físico, por ostentar as galas da natureza ambiente, e em tais contatras de mera caráter exterior, de pura execução técnica, busca os efeitos pinturescos que a literatura modernamente empresta um dia intimo romântico: o sentimento da diversidade das épocas históricas.

Foi esse distintivo que, junto com a compreensão nuda do progresso pelo desenvolvimento geral humano, não mais pela ação providencial das grandes individualidades, representadas, todavia, das aquisições e das aspirações de um dado período, revolucionou a ciência, a qual Vico fornecera no século findo aquele alcance filosófico, de representar a obra da humanidade, e sabidamente dirigida pela Providência "não mediante leis positivas, mas servindo-se dos usos que não livremente se aglomeram". No meio intelectual, porém, em que trabalhavam Rocha Pitta, Jobaolão, Pedro Taqueles, o paulista Frei Gaspar da Madre de Deus e outros cronistas mais do nosso século XVIII, apenas continuavam a ficar-se no domínio das ciências morais as filiações históricas que procedem as sínteses sociológicas, isto é, a inventar, (Continua no pag. 137)

ESTUDOS SOBRE

I

A REVOLUÇÃO DE 1817

A revolução pernambucana de 1817 é o acontecimento literariamente mais harmonioso da história do Brasil. Nenhum dos episódios da nossa história se presta melhor ao drama, à eloquência ou à poesia; todos as "linhas autôgrafas" para uma congruência que mais nada e perfeita. Não a natureza a imaginação de um poeta.

A revolução liberal é essencialmente americana pela sua finalidade, pois que este ou tarde, a liberdade havia de ser-neste continente a última palavra da evolução política. E ainda, mais profundamente, a inoportunidade, pois que todos os repúblicas dessa cultura remontam ao ano de 1817, do terremoto napoleônico. Foi o primeiro quôdico da vasta que atravessou o Atlântico.

Distribuído a dois tempos, da Espanha, Bonaparte abriu de súbito, e a olhos e as esperanças da América na realidade que se abria. A democracia continental, desde Meade até Chile, foi a obra do partido francês e das simpatias francófilas.

A América acompanhava de longe a convulsão europeia desencadeada contra o legitimismo transatlântico.

O mundo de então, como o de hoje, estava dividido pelo duelo anglo-casertanos.

A vitória antipática da Inglaterra deu ponto de causa a monarquias europeias e ao constitucionalismo, ferindo de morte as revoluções que, como a de 1817, não tiveram a boa fortuna de consumar-se a tempo.

O espírito liberal inglês não tocou nas democracias americanas já instituídas e nem consentiu nem preferir a Santa Aliança dos seus partidários extremados. Mas, através de um século a República no Brasil.

Hoje, entre germanofilos e francófilos não sabemos para que constelação de Hércules marcha a civilização. Não temos consciência alguma do que se está fazendo a despeito disso, nessa terrível confusão.

Também não a tinham os revolucionários de 1817. Aparentemente, falavam com a mesma retórica e a mesma literatura enfática, dos "sans culottes"; tinham tido, como, preliminar desvolvente, os seus pequenos enciclopédicos no "Ardago" do "Jabam" nas "Academias" do Cabo e em algumas lojas maçônicas.

Era, como sempre, quanto bastava para converter um tumulto de quartel em revolução democrática.

A monarquia transmitida pareceu aos patriotas um "conto de vigário". Para todos, porém, em sua consciência de meia liberdade, embora apetecível, assemelhava-se às soluções do doutor Wenceslau: a política de "rachar ao meio". Tinhamos antecipado de um século a sabedoria do Salomão ministro.

Eramos portunenses, mas livres. O Brasil, Fortaleza e Algarves como dizia o protótipo no seu unionismo, era o "maximum" de dependência a que podíamos aspirar.

Ainda há hoje no Brasil quem, não sem delicada gentileza, nos meta nessa definição de luso-brasileirismo de um século atrás. É um "survival" preciso que nos anuncia não ter caído ainda o último grão da amputação secular. Mas, está por pouco.

A ninguém cabia melhor que a Oliveira Lima pela sua enorme erudição e pela altura da sua inteligência a tarefa de redigir o testemunho quase inconciliável, tanto sobre os fatos quanto sobre os testemunhos contemporâneos na história do narrador da revolução de 1817. Muniz Tavares não fez mais que dar um depoimento dos sucessos. Não era historiador, nem

filósofo e talvez nem mesmo um homem de letras, mas tinha a eloquência dos que foram compariados e sofria a ação catálitica dos que haviam escapado do naufrágio. Ele pôde assim recolher as vozes superstitiais numa "singular universidade", a do cárcere para onde gastou quatro anos da sua melhor mocidade na companhia ilustre de Antonio Carlos e Frei Caneca.

Foi mais tarde monsenhor Tavares, formado em teologia em Paris; foi deputado a Constituinte portuguesa de 1821 e um dos embaixadores de Plamouth, quando os liberais lusitanos pretendiam mais uma vez emendar o umbigo, que até hoje ainda não quem em certo da cultura americana.

Tudo isto lhe acendrava o patriotismo e lhe dava certo jacobinismo íntimo, que conservou até nos seus cabelos brancos ao escrever, em 1840, a "História da Revolução". Era um "homem" político, notável, político, diplomata, conselheiro da corte, e acima de tudo, um sacerdote.

Ficou por agressivo libelista, e por assanhado ideólogo, quando a exatidão dos ideais democráticos nos colocou na América numa situação de "oportunistas que estavam no Inconsciente das coisas e era talvez favorável à unidade do colosso sem espinha.

É difícil dizê-lo, porque um século e ainda nenhuma distância para termos a perspectiva exata da revolução integral da América.

Hoje começamos a entrever uma coisa insólita, nova e toda-vez antiga. Foi a América quem criou a democracia europeia do século XVIII por um trabalho lento, maduro e misterioso que vinha da época dos descobrimentos marítimos. Foi a América quem deu pela primeira vez o respeito do "homem da natureza", com os seus índios sem leis e sem Rei, poetizados pelo exotismo das literaturas modernas até acabar no "contrato social" de Rousseau.

Toda a literatura que precede a revolução francesa tomou as suas tintas à lição experimental do indianismo.

Os antigos cronistas das "Índias" e das novas Francas do Novo Mundo prepararam esse falso espetáculo de inocência e de fraternidade primitiva de que se abeberou a filosofia política de três séculos. Era um testemunho "da posteriori" mais eloquente que o dos mitos e das histórias da antiguidade clássica.

Os "homens-nus" da América encaminharam pouco e pouco gradualmente, o ideal revolucionário dos enciclopédicos, e dos fisiocratas.

Agora, é o turno do "homem-vestido", como Wilson a reitor, de modo formidável a antiga alucinação americana.

Nesse conjunto maravilhoso a revolução de 1817 é um desses abalos centesimais que apenas afetam os sismógrafos mais delicados. Mas, tem, como um fragmento de espelho, a mesma luz e os mesmos reflexos da sua origem e condição universal.

Os patriotas daquele tempo, Domingos Martins, João Ribeiro, Abreu Lima, Teófilo, Antonio Carlos, Theotonio, o volúvel Mendonça, Miguelinho, Cabral, pareciam-nos gigantes contraditórios mas esplêndidos, a lutar dentro do tremor da sabujice legalista.

São admiráveis nos seus incertos erros e grandes na incertidão fatal daquele momento. Necessitam um historiador genial que tenha o favor de outras musas que não a das simples crônicas dos acontecimentos.

Até lá, nenhum subsídio mais seguro, profundo e erudito que esta edição comemorativa do livro de Moniz Tavares, triplicada com as anotações de Oliveira Lima

que valem por uma história completa daquele período.

Oliveira Lima era, de certo, dos nossos escritores, o de maior capacidade para a tarefa, o mais sábio, o mais bem informado e em quase tudo o mais competente.

Com ser um seguro guia, faltava-lhe contudo um pouco da imparcialidade. E ele um brasileiro o seu tanto abençoeira. Seu cosmopolitismo elegante incompatibiliza-o com as empreitadas patrióticas; vê-se que ele enxerga na revolução "a vantagem indutível de haver feito preferir o Império coexistente à solução violenta da demagogia dispersiva". É este, como ele o diz, o pensamento monárquico; mas a sua simpatia é evidente por essa transação.

Os republicanos como ele o é, sem dúvida, colocam as vantagens e a razão de ser da unidade nacional no oportunismo monárquico.

É esta uma opção muito seguida e talvez ilusória; em todo caso é um ponto que merece mais largo desenvolvimento. De caminhar, digamos que o maior e mais tenaz esforço pela unidade foi realizado sob formas republicanas que tais eram as da Regência. Ai pelo menos entrou por muito pouco a consideração dinástica.

Autor da melhor história que possuíamos da formação da nacionalidade, com D. João VI, é possível que as suas simpatias pelo rei forçado tenham diminuído em qualquer grau o entusiasmo pelas rebeliões americanas. Entretanto, o seu entusiasmo não é pequeno pela revolução de 1817 "através pelas percepções, simpatias pelos caracteres e tocante pelo desenlace".

E junta ainda: — "Foi um movimento a um tempo demolidor e construtor, como nenhum outro entre nós e como nenhuma outra revolução, em grau superior, na América espanhola".

São palavras verdadeiras, exatas e sinceras. Grande foi a sua modestia em aparecer como um simples anotador desta edição cuja substância maior e melhor pertence à sua azeitada e primorosa pena.

(Imparcial, 13-8-1917)

II

OLIVEIRA LIMA, o eminente acadêmico, escritor infatigável e fecundo, um dos nomes mais festejados da última geração desde cedo se tem consagrado aos estudos nacionais; da nossa história principalmente.

Já são numerosas as suas obras, e numerosíssimas as contribuições de atualidade, fragmentárias e dispersas pela imprensa. Todos o sabem.

E quando parece ocupar-se de assuntos um pouco estranhos — como o dessa magnífica — "História da civilização" — que acaba de publicar, vê-se que na realidade é ainda um pensamento nacional que o inspira.

O que ele deseja neste livro é servir à nossa instrução histórica, deficiente quanto às idéias gerais e à síntese da cultura humanas.

Os intuitos deste livro são declaradamente expressos no prólogo da obra, a saber: corrigir o defeito, dos nossos compêndios que atribuíam, uns demasiados, outros largos parte a história sagrada que serve mais à educação religiosa que à leiga; suprir a falta geral quanto à história da América. São palavras suas.

Essas objeções são mais teóricas que persuasivas, porquanto o nosso autor consagra um pouco mais de duzentas páginas à história antiga no livro que alcança setecentas, isto é, mais do que a quarta parte do livro.

A parte da América não é senão nos livros comuns; desco-

brimento, conquista do México e Peru, independência dos Estados Unidos, são os tópicos do ensino usual na história moderna.

É verdade que a falta principal está na ausência da "história contemporânea" quer da Europa quer da América.

Este defeito vai sendo corrigido nos últimos programas, discretamente.

Uma das boas qualidades do livro de Oliveira Lima consiste exatamente na larga parte consagrada à história contemporânea (de págs. 514 a 711), circunstância que por si só nos bastaria para recomendar o livro, se faltassem, que não faltam, outros meritos intrínsecos.

É preciso dizer que história universal não é a história de todos os povos, não é a soma de todas as crônicas, mas apenas, e não é pouco, o curso da própria civilização, a história dos povos que contribuíram sucessivamente para a causal ou para a corrente inenunciável da cultura humana.

Se isso é verdade, a história exaustiva dos "povos americanos" em nada adianta, e constitui uma tautologia estéril. Em todos eles, "mutatis mutandis", há as mesmas eventualidades necessárias; o índio em extremo, o catequista e o colono em conflito, a escravidão, a administração insignificante a equilibrar esses interesses e egoísmos dos conquistadores; os fatos de maior vulto são repercussões da política geral europeia. Isto é, as invasões e represálias estrangeiras.

A história americana, latina, começa com a independência que só se torna eficiente com a repercussão da epopeia napoleônica e a ruína do legalismo ibérico.

Há pouca vantagem em repetir a crônica de fatos que nem influíram no mundo nem em si próprios.

A história da América latina data da sua emancipação e só agora entra no conceito da história universal.

Na primeira reforma dos estudos secundários no Brasil, na República, exigiu-se, em substituição da história descritiva, a história da civilização.

Mas, a segunda é impossível e absurda sem a primeira; não é razoável fazer com que as generalizações precedam a análise, nem tão pouco é de eficiência didática sacrificar o estudo dos fatos em proveito de idéias gerais sem apoio na memória e na inteligência.

Praticamente, a reforma não deu resultados em parte alguma do mundo onde se voltou a estudar a história descritiva, deixando-se a história da civilização, a — "Kulturgeschichte" — para as faculdades superiores de letras que já pressupõem o conhecimento das narrativas históricas.

A — "História da Civilização" — serve para ilustrar os estudos inferiores, dar-lhes um sentido mais amplo, em geral controverso, mas sempre sugestivo.

Aqui, no Brasil, há trinta anos foram adotados os livros de história da civilização de Seignobos, Croizat, e pouco proveito se tirou dessa inovação.

Não é possível começar pelo fim, mormente quando o fim não é muito luminoso nem evidente, e fica quase sempre ao arbúrio dos "raisonneurs" da história.

O Império fundado por Bismarck parecia de grande solidez, mas não durou cinquenta anos e nem sequer a "unidade" ficou salva. Os princípios democráticos de Wilson triplicaram e dilataram para o norte os Balkans divididos em minúsculas nacionalidades agressivas e incommunicáveis.

Teoricamente tudo tendo a recompor-se ou a desaparecer numa pulverização instável e incoordenada.

Outros dão o contrário; e é da diversidade das filosofias da história que se conhece o pouco de utilidade das sínteses histori-

cas, sempre apressadas, infelizes e contestabilíssimas.

Por isso mesmo, a única história possível e a da narrativa dos fatos, onde as obscuridades e as certezas não são poturas.

Aos homens cultos e tímidos, a razão sobre esses fatos fragm-

Por nos a parte, a história da civilização não é a história da civilização como livro de leitura romântica, mas para os que já pertencem à velha história narrativa e à crítica. "Com grande sal."

E tanto mais seguramente podemos quanto vemos neste livro uma parte narrativa, fatos narrativos, essenciais, frequentemente, dispensam o auxílio dos compêndios.

O livro é ornado de muitas gravuras e mapas, bem ilustrados como costumam ser as publicações da casa Weisfogel, de Paulo, condigno, pois, da obra do eminente mestre.

(Imparcial, 11-8-1917)

III

A MORTE DE OLIVEIRA LIMA

Nada tenho de novo a acrescentar no que já disse em opanalistas sobre esse grande estu- da nossa história.

O Brasil era sempre em parte a sua preocupação principal, e o "leit motive" de todos os ritmos da sua vida.

A diplomacia desgostosa e grungeu-lhe inimigos na sua própria terra, mas esse desprezo nunca lhe turbou o coração e nem poderia superá-lo. Ele aconselhava a perda de dignidade a pátria que ele passou a amar silenciosamente, no exílio da história, na admiração pela perspectiva dos homens que pararam e ainda de outros presentes cuja amizade continuava a cultivar de longe para não sentir as asperezas efêmeras do momento.

Eu fui e continuei a ser um dos seus íntimos amigos, e dele possuo testemunhos repetidos da sua lealdade e cavalheirismo.

O barão do Rio Branco a quem não pode o Brasil recusar um tempo algum o preito dos serviços prestados, não quis reconhecer o valor de Oliveira Lima. Não era verdadeiramente, por inveja que assim procedia, mas por incapacidade de suportar a crítica e a censura ainda mesmo respeitosa.

O grande ministro era igualmente um homem pequeno nos seus rancores pessoais, como excessivo e às vezes escandaloso nas suas proteções a um ou outro favorito.

Isso não é segredo para ninguém.

Entendia o barão que a diplomacia militante devia ser um exército disciplinado e obediente, como se fora uma provincia na companhia de Jesus.

Obedecer, "perde-se a cabeça", Oliveira Lima foi um insubmisso, e como era jornalista, não pôde por ser um sujeito malcriado e inconveniente. E talvez o fim. Dai a surda rixa e a má vontade que privaram a nossa representação externa de um espírito brilhante e superior.

Aquele rancor — não que ele provocava a política do barão — talvez injustamente dilata-se e estende-se aos indolentes acólitos do Itamaraty, pois sobre os do ministro e até nos seus próprios governos.

Queimava Tróia por quem de Helena.

A própria Academia, se não deserta, foi por que a academia subversiva ao grande ministro.

E tanto assim foi que tomou do encargo a missão de ilustrar os "Estudos brasileiros" da Faculdade de Letras de Li-

Já então o espírito de Rio Branco se havia desvanecido. Ele houve por esse tempo a oportunidade de fazer voltar a carreira que ele havia abandonado e exerceu por toda parte onde o encon-

Concentrando todo o seu amor

Oliveira Lima, sentado, tendo a direita Nabuco e Graça Aranha, trás, de pé, estão Domício da Gama e S. Gervásio de Amaral

"HETAÍROS" E "PHILOS" -- Gilberto Freyre



Oliveira Lima
COMO SERVIR O REI OLIVEIRA LIMA

Para servir proveitosamente o mundo, é mister que ele seja conhecido a seguir-nos os caminhos. Pensa-se talvez que é a única maneira de ser conhecido. Os rios correm com velocidade e carregam muitas coisas perto da foz, nunca junto das fontes. Se qualquer negro não se malogra, por mais que se premunir, o Sertão contra esse possível desastre, pois invariavelmente o rio de conselheiro infeliz e vertical nestes. Também em compensação, se é favorável ao resultado, arrecada honras que não mereceu. El-Rei, que não, houve por bem louvaram-nos pelo meu trabalho para a solução do conflito da Espanha, principal causa da ansiedade diplomática do vossa nação, quando eu, apesar de não ter sido e muito de conformidade com as ordens recebidas de Madrid, sempre me mostrei independente e a nossa sem nunca, tornando-me até a respeito do futuro Dinho de Memória. Continuando a responder para reanunciar uma nação nomeada, é mister mais do que boas intenções, bons poderes e boas palavras. E mister também um elemento real e positivo.

O Secretário de El-Rei.

Uma nota a caligrafia de Oliveira Lima era quase indecifrável. Quem olhasse as páginas de uma folha de papel escrita do seu punho, supô-la pertencente a correspondência de um árabe.

Recordando esse único encontro que tivemos na vida, vem-me igualmente à lembrança a sua figura singular. De altura acima do comum, era Oliveira Lima verdadeiramente monstruoso pela gordura. O rosto, enorme e oval, era contido, em baixo, por uma papada, um amplo leão de gordura que quase o duplicava, cobrindo-lhe a parte superior da abertura da camisa. O rosto, no entanto, era claro, uns olhos grandes e saltados, e a boca, deitada, de sobre a qual descaíam as duas guias do bigode negro e negro. Arqueado sobre os lábios, esse bigode parecia mais as duas asas de um passarinho pequeno que lhe tivesse entrado pelo nariz.

O que mais impressionava não era todavia a obesidade. Recordando-se do percoço ao longo a abertura da camisa era como uma rampa, que se elevava possivelmente uns novecentos centímetros de extensão. Para abarcar-lhe o ventre, ou o bumbum, seriam necessários dois metros de braços abertos. De via pesar 110 ou 120 quilos. Toda essa gordura parecia pouco desaparecer, tornando-se inponderável, quando ele se deitava ou falava. O espírito era, no entanto, uma espécie de energia elétrica mobilizando um contrapelo.

É esse corajoso, acaba de partir-se em oceano que tem duas branças de profundidade, e que é o ventre da terra, no qual se verificam, aliás, os mais desastrosos naufrágios do mundo.

Ninguém está livre de ser na vida um aborrecimento para aqueles amigos que acima de tudo amam, nas amizades que procuram, o conforto, o favor, o prestígio.

Oliveira Lima nasceu com a sina de aborrecer e desapontar os amigos desse gênero, alguns dos quais devem ter dado graças a Deus quando ele decidiu exilar-se para sempre, com sua livreria e seus quadros, em Washington. Que não aparecesse mais no Rio, no Recife ou em São Paulo, obrigando-nos a homenagens estereis — banquetes e almoços caros no Ascurio, na Rotisserie ou no Internacional — não de ter pensado eles.

Vi na correspondência particular do autor de "Dom João VI no Brasil" muita coisa interessante como documento de amizade interessada, e de próprio moço referiu casos de amigos — ou de "camaradas" como diria o velho Antonio Rodrigues, fazendo alusão com seu bom senso pavoroso de setenta e sete anos a mesma distinção que os grupos estabeleciam sobre o "philos" (amigo) e o "hetairos" (camarada ou amante) — cuja amizade para com ele variava conforme seu prestígio. Principalmente conforme suas possibilidades de ser ministro do Exterior e o prestígio de Oliveira Lima variou muito, dada a sua independência em face do barão de Rio Branco, do general Pinheiro Machado, da família do Panamericano, do "Jornal do Brasil", do "Correio da Manhã", da Academia de Letras, da própria República de 31, a qual serviu sempre no exterior com absoluta lealdade de brasileiro, mas cuja substituição lhe parecia desejável e até urgente.

Eu estava na casa de exílio do antigo ministro do Brasil em Bruxelas, quando se sussurrou que ele seria ministro das Relações Exteriores do presidente Washington Luiz. Uma carta, creio que de Lorena Ferreira — bom e constante amigo de Oliveira Lima e um admirável de paulista velho; um desses cuja fidelidade se faz adivinhar e sentir mas nunca anunciar — transmitiu-lhe o sussurro para o qual ignora até hoje se

havia qualquer fundamento; misterio que o sr. Washington Luiz talvez possa agora esclarecer. O que sei é que em poucos dias a correspondência do Brasil para o grande exilado de Washington cresceu espantosamente. Fazia gosto ver o carinho, a ternura melíflua com que amigos ou camaradas, na anos desinteressados do ilustre casal de expatriados empunhavam-se em saber de sua saúde e em "salutar-lhe as virtudes, o caráter, a altivez. Até por meio intermédio começaram a chegar do Brasil e da Europa louvores ao nosso dr. Johnson; que aquele sim é que era o homem para a pasta do Exterior; que, morto Rio Branco e desaparecido Nabuco, só Oliveira Lima era capaz de dar relevo ao Itamaraty; que era tempo de separar-se a injustiça que lhe fizera o Senado da República manobrado pelo Pinheiro e pelo Azeredo; que nenhum homem público brasileiro tinha uma espora igual à d. Flora — tão inteligente, tão fina, tão fidalga — para completá-lo na difícil direção do Itamaraty.

Murchou o boato e a correspondência do Brasil para Oliveira Lima também se reduziu. E meses depois d. Flora me dizia filosoficamente que não fora o primeiro caso de inflação na correspondência do Lima. Inflação seguida de depressão.

Erão frequentes as épocas de raríssimas cartas do Brasil e essas raras cartas — as dos amigos certos — as vezes cheias de informações sobre amigos incertos — hetairos, naturalmente e não philos — que mesmo protegidos pela distância se mostravam aborrecidos com o nada confortável Oliveira Lima: era um cabecudo que deixava mal os camaradas no Rio, em Pernambuco, em São Paulo e nos postos diplomáticos. Cabecudo só, não inconveniente e as vezes até gracioso, áspero, sempre a tratar de assuntos irritantes nos seus artigos. De uma feita, em artigo para o "Estado de São Paulo" escrevera certa inconveniência que aborrecera o próprio Arcovorde. Já desagrada ao barão numerosas vezes. Era



Um grupo de acadêmicos, feito por ocasião de uma das visitas de Oliveira Lima ao Rio de Janeiro. No primeiro plano, Oliveira Lima e Salvador de Mendonça. Vem-se, em ordem, Carlos de Lencastre, Sousa Bragança, Afonso de Albuquerque, Alberto de Oliveira, Lafayette Pereira (A), Afonso Celso, Caelio Neto, Pedro Leão e Augusto de Lima.

TRES CÊNAS DE "O

CENA VII

EL-REI, O SR. GUAMÃO

EL-REI

Compreendia profundamente que as graças, a favoração dessa minha elegância a fazer brilhar um pouco de afecto de um coração tão retratado ao amor como o teu.

A. de Gusmão.

O amor de V. M. e dos negócios do Estado estenderam de facto o meu coração para outros sentimentos terrenos.

EL-REI

Como te não acorda nunca fazer-lhe a corte? Encontra-lhe para humilhar o teu lar tristonho?

A. de Gusmão.

V. M. pode escolher e cobrir. Um escravidão da pureza pode escolher, mas tem de ser acedido. A Guarnição nas palavras e pequena, mas na realidade é imensa.

EL-REI

Ah! Ah! não foste então acedido? Deu entretanto em balda certa? E tu contas ainda com as surpresas do futuro? O moço pode ser incerto, e próprio da idade, e no sexo também, e os favores agora dispensados falam alto nessa emergência.

A. de Gusmão.

Nunca fiz o cálculo que V. M. imerecidamente me atribuiu, concedendo demasiada importância à minha agudeza.

EL-REI

Sei bem quanto és capaz.

A. de Gusmão.

Merce de Deus para servir a V. M. A minha penitência, como V. M. já houve por bem reconhecer, tem tido a boa fortuna de ser proveitosa a fama, ao seu gozo, e por isso dela me desviaço.

EL-REI

Como és, e é a tua, porque te aprecio e possas, como poucos, a minha estima.

A. de Gusmão.

Fideliamente as expressões para agradecer a V. M. com fervor que induza bastante o meu sentimento de gratidão, as bondosas palavras que acabo de ter a dita de ouvir. Elas induzem-me contudo a dizer um pouco mais realista, se possível o alto nome que V. M. goza de Monarca magnânimo.

EL-REI

Voltas a falar no juramento para D. Fernando?

A. de Gusmão.

Sim, querer a mim de muito leve de encontro ao juramento ressumido de V. M. na perdão, sim.

EL-REI

Conheces esse juramento?

A. de Gusmão.

Desde ontem, Real Senhor, e desde ontem posar ele a minha cabecinha amada.

EL-REI

Tem algum movimento além da presença, e da certeza de equidade?

A. de Gusmão.

Tem talento e diligência... tudo quanto é necessário para tornar-se um servidor prestimoso da Coroa.

EL-REI

Se de ti dependesse, empreçá-lo-las então?

A. de Gusmão.

Continente, Real Senhor.

EL-REI

Onde? Em que?

A. de Gusmão.

V. M. melhor do que ninguém conhece as exigências do seu serviço.

EL-REI

Dar-lhe-las colocação na corte ou no estrangeiro?

A. de Gusmão.

Em qualquer parte D. Fernando honrará o nome português.

EL-REI

Julgas que está talhado para um cargo diplomático?

A. de Gusmão.

Sim, Real Senhor, porém quisera antes vê-lo occupando um posto no país.

EL-REI

Por que?

A. de Gusmão.

Porque D. Fernando é dum natural um tanto violento e, enquanto os anos não fizerem escisar essa veremência própria da juventude, eu por mim recearia pô-lo em contacto com homens de Estado estrangeiros, prontos algumas vezes a esquecer deveres de cortesia internacional. D. Fernando não é homem para tolerar o menor insulto. Por isso mesmo está sofrendo.

EL-REI

Um homem, já vejo, da espécie que mais me agrada. Por acaso tocou eu a mais insignificante quebra do respeito que ao meu reino é devido?

A. de Gusmão.

V. M. é suficientemente conhecido como sustentador sem par do prestígio nacional... mas a diplomacia falta à sua missão quando não evita os rompimentos, embora defendendo o decoro, o qual se não zela somente com bravatas, senão com habilidade e transpêndices.

EL-REI

Queres com isso dizer que te agradaria mais ver D. Fernando na corte... Talvez julgues conveniente encaminhá-lo com o teu parecer nos primeiros passos da sua carreira pública?

A. de Gusmão.

V. M. faz-me envaidecer com acreditar que es-

tou no caso de aconselhar alguém, a não ser, perdão-me V. M., a referência, nunca mesa de jogo, onde de resto pouco sempre e os meus palpites são aos outros aproveitam. Se preferiria conservar D. Fernando no país, é porque considero o seu carácter mais apropriado para lidar com os da terra... V. M. no entanto está formulando conjecturas sem se lembrar mais, na condição do seu pensamento, que se trata de um criminoso escapo a perseguição da justiça e autor de um delito imperdoável.

EL-REI

Tenho bem presentes todas as circunstâncias do caso, e se me occupo assim do futuro de D. Fernando, é porque o coração falou de novo em mim mais alto que a razão e estou encarando a solução de aceder às tuas preces e às da sua gentil prometida e não deixar sem destino uma capacidade que te soube desprezar tamanho interesse.

A. de Gusmão.

V. M. é o melhor como e o mais glorioso dos monarcas da Cristandade.

EL-REI

O que propensas para ele? Um cargo em Lisboa ou na provincia?

A. de Gusmão.

Não me compete a escolha, Real Senhor.

EL-REI

Se para ela te dou poder...

A. de Gusmão.

Não vejo em verdade razões que pelem em favor de uma nem contra a outra.

EL-REI

Mas não te delectaria ter perto tão bons amigos tuos?

A. de Gusmão.

Sigo por norma anteior as minhas satisfações pessoais as conveniências do serviço real.

EL-REI

Neste caso, como te agradaria o ultramar?

A. de Gusmão.

Muito, Real Senhor e já que V. M. a aponta, acrescentarei que considero essa a mais acertada decisão.

EL-REI

Palas sincero?

A. de Gusmão.

Como timbro constantemente em dirigir-me a V. M. Por mais que me empunhe em favor do indulto de D. Fernando, jamais esqueço a sua falta, e penso que simultaneamente com uma manifestação tão admirável da sua clemência, seria conveniente dar V. M. uma prova do seu desagrado, não guardando na corte o fidalgo culpado.

EL-REI

Não receias que dregado... embora num cargo elevado... para uma terra inhospita, tenha de deixar em Lisboa a sua desposada? Não seria cruel separá-los logo depois do enlace?

A. de Gusmão.

Não dou o nome de dregado a ir defender e promover o desenvolvimento de uma das reais capitâneas da Africa ou do Brasil, e um vejo motivo para crer que o não acompanharia a senhora d. Luz. Ama-o demais para isso.

EL-REI

Escolhe então uma das piores capitâneas do teu Brasil para ir governá-la D. Fernando.

A. de Gusmão.

A de Goiaz está vaga, Real Senhor. E muito longe da costa, mas de clima sadio e salubre.

EL-REI

Há muitas minas por lá, não é verdade?

A. de Gusmão.

Minas e minérios atraem muitos indios bravios, uma população toda selvagem com a qual terá de lutar-se a energia do meu recomendado.

EL-REI

E tão descuidadamente consentes que seja exilada para tão desgraçada terra a formosura de D. Luz?

A. de Gusmão.

Qualquer terra que tenha a dita de pertencer aos domínios de V. M. não pode ser considerada desgraçada, e não pode haver dever mais delectável para um súdito do que tratar de adiantá-las e torná-las todas igualmente dignas de um tão paternal soberano.

EL-REI

Pois bem, será como mostras apeteer. Deves conhecer o asilo de D. Fernando, vai sem demora ter com ele enquanto recebo o senhor embaixador da Grã Bretanha, que tem audiência marcada para agora... negocio inopinado e ao que parece importante... e conduz o delinquente à minha presença. Avia-te, pois tenho de ir depois ao aniversário da canonização de São Camilo Lellis a qual tive a felicidade de obter de Sua Santidade. Será uma festa magnífica... Já dei ordem para adiar-se o despacho... De passagem, manda preparar o título nomeando D. Fernando da Cunha capitão general da minha capitania de Goiaz, no Brasil.

A. de Gusmão.

Obedeço com o júbilo de ver V. M. praticar um um novo ato de generosidade e de sabedoria (Beija a mão de El-Rei e sai dizendo em voz baixa): Deus é testemunha de que não enganar El-Rei. El-Rei e que se enganou.

CENA VIII

EL-REI, só.

Este Guarnião é por vezes impenetrável. Estou tuasse certo de que gostas de D. Luz, tenho até uma vaga lembrança de que andou há tempos suspirando por uma dama que cerrara os olhos aos seus ais desenxabidos, porque o pobre não possuiu grande feição para galã... mas de que a queria na corte depois de casada, começou a não estar tão seguro. Parecia falar com tanta franqueza quando

indicou a capitania de Goiaz como um posto para o para D. Fernando, e aderiu com tanto alacria a minha resolução de assim dregado-lo... Com que verdade foi buscar-lo... Quem sabe, latente, se não puerbeu que me não era indiferente a pariga e quis de propósito afastá-la da corte, vez realizado o enlace... neste caso, fui posto porque a rapariga é tentadora, e eu não deixo alimentar minhas esperanças de deslucido. Divirjo poron do meu grande irmão de S. M. Luz XIV, ao que restaurar os despojos embaixadores do reino, requestou a minha Vallerie quando solteira, impedindo-a de do o seu prometido... Acho isso muito imoral. Aszelas não tem experiência para resistir as sedo do amor... As casadas, quando abatem a facia, sabem o que fazem, e geralmente porque am. O peccado do sedutor não existe quando sua tarefa foi pequenissima. Nossa Senhora, Dorez me perdõe estes pensamentos e me a colera divina... Mas não, estou raciocinando, rando, Guarnião, ao contrário, pretendia visivelmente evitar que D. Fernando saisse do reino. Não tejeu o oferecimento diplomático, que teria do logo se quisesse arredar o casal. Se disse, sim ao oferecimento do ultramar e falou mais longinquo e bárbaros dos meus domínios, encobrir seus desígnios e provocar minha exa da generosidade, que ele sabe quanto vai quando se a não importa e se aparenta expm menos. O processo já tem sido usado com éxito, ele próprio e pelos outros que me rodeiam, quantos dolos não se acha exposto um rei, quem podera fiar-se?... Peguel-lhe contudo a lava, e receberá deste modo o castigo da sua thia. Para que persistir em fingir acedido quando no intimo desejava tão somente a rejeção dos seus amigos na corte?... Se eu conseguisse certeza de que D. Luz é a dama por quem Guarnião andou apaixonado... não me restaria então de de que o finório pretenda fazer-me cair num a malilha, propondo o cargo pouco deslucido de sil para alençar outro melior, e em Portu... Os namorados são cegos, e ele não percebeu que veria concorrência de esmagar...

CENA IX

EL-REI, UM PAGEM

Pagem.

Sua Excelência o sr. embaixador da Inglaterra aguarda que Su Magestade se digne recebê-lo.

EL-REI

Dais assim guardia a criminosos de lesa-majestade, milord?

Lord Tirawley

Para que não pudesse ser arguido de proteccionismo, crime, fez justamente o embaixador passar por borco e encurralou, acobalhou a raba, entregou um gladiado, um gentilhomem a um milagre.

EL-REI

A ele poron cunheira fiar, far-se na clemência do seu soberano, que é proverbial.

A. de Gusmão

Considera certamente o próprio delito de toda misericórdia, e não podendo prevor o pronto se manifestaria a real clemência...

EL-REI

E que amor tão violento é esse que o não tem, desertando coradamente a sua província, que por causa d'ele move eus e terra e que o lhor conhecedor do coração de El-Rei, não empiora o perdão do culpado, desvendando sem receio o nome qualquer apenas suspiro, e a ultima não desaninha? Por Nossa Senhora, Conceição, milord, que não merece vossa sociedade quem lhe é tão interior em coragem e perseguição. João Braz encerrando chega a porta e dá um sinal a A. de Gusmão, que sai.

Lord Tirawley

Se V. M. me permite uma reflexão, direi que, caindo sobre mim a responsabilidade do tal, que de D. Fernando, não posso senão continuar a achá-lo perfeitamente digno da afecção de D. Luz, poucos fidalgos conhecendo aias que o lelem em bravura e cavalheirismo.

A. de Gusmão voltando

V. M. acerto, como sempre, quando estranho que tão brioso gentilhomem se quisesse a um dos seus dreres. Eilo de volta da sua excursão a barra. Pelas alturas de Cascaes forçou os do e gue a deixá-lo regressar para terra, passando por um barco de pescador. Em terra conseguiu um cavalo, e veio a todo galope mirar o belo rusto da sua amada para não estalar de saudades e ber das réguas mãos a sua patente de capitão geral de Goiaz, que tenho a subida honra de meter à assinatura de V. M.

Ai está quem podera informar-me, e não se peitara a razão. E' o tio de D. Luz e há de ser ao fato de tudo. Se o que Guarnião ambicionou simplesmente embarcar-me o caminho, está nato a tempo de sustar a nomeação de D. Fernando e dar-lhe outra colocação... na minha (Para o pagem). Que entre o sr. embaixador, do pagem sai e logo ergue de novo o reposteiro.

CENA X

EL-REI, LORD TIRAWLEY.

EL-REI

E' sempre com prazer que vos recebo, milord. A vossa vinda para Portugal está ligada com um ato de boa vontade de S. M. Britânica que nunca poderel esquecer... a chegada da formosa embaixadora do almirante Norris para aliar-se a Portu... sa na guerra então imminente com a nação vizinha por motivo da disputa cuja feliz solução vos annunciou acidentalmente ante-ontem, numa das salas deste Paço.

Lord Tirawley

Já tive essa ocasião de congratular-me com



Palavras que enganam o tradutor de inglês -- Miss Hull

IV

Continuamos hoje a publicação das "Catches Cognate or Deeply Dubious" admirável trabalho de autoria de Miss Hull, a professora catedrática de língua e literatura da Universidade do Brasil.

Em nossa próxima edição publicaremos a parte final deste trabalho, que tanto interesse tem despertado entre os nossos leitores.

- 95 — notorious: Infamous, well known in bad sense. / P. Infame, vil.
notório: Sabido ou conhecido de todos. / E. Well-known, famous.
96 — novel: Noun: Fictitious narrative; Adj: new. / P. Novo. / Noun: Romance; Adj: novo.
novel: In experience, bisonho. / E. A Uro, a beginner.
novela: Pequeno romance; conto. / E. Short story; tale.
novela: Boa de fio enrolada. / E. Skein.
97 — objectionable: Objectionable offensive. / P. Agresivo, inofensivo.
objeção: Servil; fustoso, ofensivo. / E. Servile, fawning; fatal.
98 — obsequious: Fawning, servile. / P. Bajoulo, adúlto.
obsequioso: Servil; prestativo. / E. Obliging.
99 — office: Place for transacting business. / P. Escritório, secretaria.
office: Profissão; cargo; ocupação; missa. / E. Trade, craft; post; divine service, missa.
ofícios: Intervenção. / E. Service, offices.
100 — officious: Meddlesome, intrusive. / P. Intruso; intrometido.
oficioso: Servil; prestativo. / E. Obliging, accommodating.
101 — oration: Speech. / P. Discurso.
orator: Raro; suplica; Proposição gramatical. / E. Prayer; clause.
102 — parent: Father or mother. / P. Pai ou mãe.
parente: Indivíduo da mesma família. / E. Relation.
103 — party: Head, colloquial. / P. Cabeça.
party: Ave aquática. / E. Duck.
104 — pavement: Footway, all road-side made of blocks. / P. Calçada.
pavimento: Andar de um edifício sobrado. / E. Storey, floor.
105 — phrase: Group of words; mode of expression; idiomat or pithy expression. / P. Locução adjectival ou adverbial; idiomatismo.

- frase: Conjunto de palavras formando sentido completo. / E. Sentence.
106 — place: Spot, position, station. / P. Lugar.
praça: Lugar publico, largo. / E. Square.
107 — plant: Small member of vegetal kingdom. / P. Planta.
planta: Denominação genérica de qualquer vegetal; projeção horizontal de edifício ou cidade; sola do pé. / E. Plant; plan; sole.
108 — plantation: Estate, of sugar, coffee, etc. / P. Fazenda.
plantação: Ato de plantar; cultura; terreno plantado de árvores. / E. Planting.
109 — precise: Accurate, exact. / P. Certo, correto, pontual.
preciso: Necessário; exato. / E. Necessary; exactly.
110 — presently: Soon, in a short time. / P. Daí a pouco.
presentemente: Atualmente, hoje em dia. / E. Nowadays.
111 — press: Crowd, throng; printing; newspapers. / P. Turba; imprensa; jornais.
pressa: Urgência; rapidez. / E. Haste, hurry, speed.
112 — pretend: Simulate, feign. / P. Fingir, simular.
pretender: Aspirar a; exigir. / E. Aspire to; claim.
113 — prevention: Hindering. / P. Ato de impedir.
prevenção: Opinião hostil infundada. / E. Prejudice.
114 — procure: Obtain, get. / P. Obter, conseguir, ganhar.
procurar: Esforçar-se por achar; dirigir-se a. / E. Seek, search.
115 — promoter: Founder of joint-stock company, often fraudulent. / P. Capitalista organizador de sociedades comerciais.
promotor: Defensor da lei no tribunal; aquele que promove. / E. Public prosecutor.
116 — prompt: Timely, early, punctual. / P. Pontual.
pronto: Concluído; rápido; disposto. / E. Ready; quick.
117 — pupil: Schoolchild, scholar. / P. Aluno, discípulo.
pupilo: Menor orfão perante a lei a cargo de tutor; educando. / E. Ward.
118 — quarter: 4th. Part; district, locality of city. / P. Quarta parte; bairro; quarteirão.
Grupo de casas formando quadrilongo. / E. Block.

- 119 — quarters: Lodgings for troops; Lodgings above in general. / P. Alojamento.
quartel: Edifício em que se alojam tropas; (fig.) intervalo. / E. Barracks.
120 — realise: Apprehend, conceive. / P. Penso, como real; fazer-se uma ideia.
realizar: Pôr em prática; efetuar. / E. Carry out; achieve.
121 — record: Noun: Past outdoing all predecessors. Verbo: Register put in writing. / P. Proeza ainda não realizada; Verbo: Registrar; assentar.
recordar: Lembrar; rever. / E. Remember, revise, review, records; The same as the noun in English.
122 — recur: Occur again, be repeated. / P. Repetir-se; acontecer de novo.
recurrer: Apelar; percorrer. / E. Resort to, have recourse to.
123 — relation: Narration; connection; correspondence. / P. Narração; conexão.
relação: Ato de referir; descrição; lista; anagora. / E. Reference; description; list.
124 — Relations: persons connected by blood or marriage. / P. Parentes.
relações: Conhecimentos e convivência sociais ou comerciais. / E. Set circle, intercourse.
125 — relax: Grow or make less tense or rigid; abate. / P. Abrandar; afrouxar.
relaxar: Tornar frouxo; não se incomodar; perverter. / E. Slacken; neglect.
126 — relieve: Succour; alleviate. / P. Aliviar; socorrer.
relevar: Tornar saliente; dar relevo a; abater de. / E. Stress; emphasize; excuse.
127 — render: Give in return, hand over, deliver up; melt fat. / P. Entregar; derreter.
render: Submeter; produzir. / E. Surrender, produce.
128 — rent: Tenants' payment for use of house or land; hear charges. / P. Aluguel.
renda: Tercio feito com fio de linho; rendimento de propriedades. / E. Lacer; income.
129 — sanity: Mental health, wholesome-mindedness. / P. O perfeito uso da razão.
sanidade: Salubridade; higiene. / E. Salutibriousness.
130 — scandal: Malicious gossip, calumny. / P. Maledicção; calúnia.
escândalo: Mau procedimento tornado publico; tumulto; barulho. / E. Fuss, noise.

M., para o que pouco respectivamente venia. D. Fernando da Cunha, val neste momento barra fora a bordo do brigue Lucy, com destino a Plymouth.

El-Rei

Quem o fez escapar-se?

Lord Tirawley

Aconselhe-o tu a que procurasse com uma temporária ausência na Inglaterra, ou em França junto a seu tio, o esquadrão do delito cometido.

El-Rei

Onde estava refugiado?

Lord Tirawley

Na embalsada britânica Real Senhor.

CENA II

Os mesmos. D. FERNANDO. D. LUZ

El-Rei

Mais devagar, mestre Gusmão. O delito anterior estava indultado, e palavra de Rei não volta atrás. Mas sobre a nova falta ainda não falamos. / Para D. Fernando: Porque pensaste em retirar-te do reino?

D. Fernando.

Para não comprometer mais os que tão dedicadamente se empenhavam por garantir a liberdade, e em semelhante intuito já haviam envidado não poucos esforços.

El-Rei

Porque te decidiste a voltar?

D. Fernando.

Porque atacou-me o receio de que pudesse ser taxado de nimia pusillanidade a minha retirada, e sobretudo porque a consciência protestava que onde não houve intenção, não há crime. Feri Sua Alteza como teria ferido qualquer fidalgo que me provocasse e com o qual cruzasse a espada, afim de proteger a minha dignidade.

El-Rei

Pundonorosa palavra, maneiro, porém que encerram o grave defeito de serem subversivas. As rixas entre fidalgos são lastimáveis; todavia desculpáveis: mas diante de pessoas de sangue real devem abrandar-se todas as cóleras, apagar-se todos os resentimentos. O ferro, mesmo a espada do gentilhomem desafiado, deve calar-lhe inofensivamente as mãos, pois que se trata dos escolhidos da Providência para guiar os povos nas veredas mundanas. Sem o maximo respeito para com o trono e tudo quanto o cerca, sem o culto da autoridade divina delegada aos soberanos para fins temporais a sociedade humana entra em grandissimo perigo de corromper-se e perder-se. Os monarcas que assim não pensam e obram consoante, correm o risco de ter o trágico fim do vossa Carlos I, milord.

Lord Tirawley, baixo, para A. de Gusmão

Até agora julgava que S. M. Carlos I tinha acabado tão ingloriamente por pensar e obrar desastrosamente como El-Rei Indica.

A. de Gusmão

Diferenças de educação. El-Rei não aprendeu história pelos mesmos livros que vós.

El-Rei, para D. Fernando.

O teu crime foi de precipitação; não agiste de exato pensamento e por isso esqueci tudo. Não esqueças de tua parte o quanto ficas devendo a tua nobre: foi de uma dedicação inextinguível.

D. Fernando

Conheço felizmente o valor do tesouro com que quis Deus favorecer-me, e juro a V. M. que hei de estimá-lo de acordo com o que vale.

El-Rei, para D. Luiz

E vós também não escolhestes mal. As docuras do amor impedirão, espero, que acheis em extremo distante e deserto o lugar que para D. Fernando escolheu vossa amigo Gusmão.

D. Luz

Nenhum lugar é solitário ou inclemente quando se está perto do ser querido e no serviço d'El-Rei. Demais, diz o sr. Gusmão que o Brasil é uma terra tão linda.

El-Rei

Vejo que vós estáis pegando a doença. Creio que por vontade dele mudada a minha corte para São Sebastião do Rio de Janeiro, como si a dinastia portuguesa pudesse jamais abandonar o trono e solar dos seus maiores.

Lord Tirawley.

E' tão afortunado Portugal que V. M. ficaria sempre com esse recurso se o reino d'Espanha logoasse novamente poder e ambição, para obstar ao que solicita o meu Augusto Soberano a cooperação d'este reino.

El-Rei

Portugal não procura guerras, mas não se arreceia de inimigo algum, milord, que venha atacá-lo, por mais forte que seja. Conta com a proteção de Deus e da Sua Mãe Santíssima. Para defender a sua independência, o velho reino de Afonso Henriques lutaria como um leão. Ninguém para isso nos excede em recursos.

A. de Gusmão

Contanto que continuem a chover o ouro e diamantes das minas, e para que assim suceda é que tomei a liberdade de lembrar a V. M. utilizar o espirito enérgico e empreendedor do sr. D. Fernando da Cunha.

El-Rei

Dá-me a patente. (Vai á mesa e assina-a.) Embarca na primeira frota a sair para o Brasil, e sede ambas felizes por lá. El-Rei recorda-se e galardoa sempre os serviços prestados a coroa. Ao alcance dos meus fidalgos encontraram-se dois milhões de vós-rei.

Tratarei de merecer um deles, Real Senhor.

D. Luz

Deus abençoe V. M.

El-Rei, retirando-se

Na balança do archanho São Miguel o peso das minhas boas obras seria hoje demasiado.

CENA XIII

Os Mesmos, menos El-Rei.

A. de Gusmão

Segui depressa o conselho d'El-Rei... Uma vez por ano os da de truz... Casal vos sem demora... Frei Bernardo se encarregará d'isso e bem lhe deveis essa contribuição para o seu pé de altar... e parti. E' fato que escolhi Góias. Para muito longe de Lisboa, e os ares da corte não são dos melhores... tenho experiência própria. Lá poderei dilatar o peito, encher os pulmões, respirar livres, em paz, na plena melva virgem, ao abego das tentações políticas e dos enredos das tertúlias. Nada há de melhor para a alma do que essa imersão na natureza. Retemperem-lhe o vigor, purifiquem-lhe a substância... Veréis se vos enraizao, se existe nada mais belo do que aquela terra de encantos. Tudo ali é formoso, e é grande. As colinas são montanhas, as árvores gigantes, os rios mares, os campos solidos ou antes oásis sem fim. Dá gosto viver debaixo d'aquela céu azul, n'aquela atmosfera transparente, sobre aquele solo privilegiado... Carece-me todavia nas terras novas de muita coragem para arcar com as dificuldades, muita tenacidade para resistir aos contratempos. Tendes uma e conto que igualmente a outra, D. Fernando. A vida exclusivamente material, as lutas porfildas e cruéis pelos tesouros da terra outrossim estimularam a brutalidade, desenvolveram paixões menos nobres. Para diminuir aquela e transmutar estas confio especialmente na vossa influência, D. Luz, na irradiação da vossa graça e da vossa docura, que hão de operar maravilhas... Não leveis a mal o madrigal, meu amigo... E' o da despedida!

D. Fernando

Trabalhar pelo progresso do Brasil será o único meio de corresponder à vossa generosa estima e mostrar quanto nos lembraremos de vós e com quantas saudades.

D. Luz

Como agradeço a Deus o ter aproximado dois caracteres tão excelentes e feitos para enternecerem-se!

Lord Tirawley

Não esqueçamos n'estas efusões o nome d'El-Rei, que se portou como um grande gentleman.

A. de Gusmão

A história varia segundo o ponto de vista de quem escreve. El-Rei foi ótimo, não há dúvida, posto que um bocadinho contra vontade, ou melhor, independente da vontade. Nem por isso merece menos encolmos, visto estar nas mãos ser pessimo. O segredo da vida é um, recordai-vos sempre: agir as circunstâncias, nunca desobedecer, e ler as coisas... a rir, mesmo quando elas são de fazer-nos chorar!

Marques Rebelo

MARQUES REBELO

Em 1927 foi sorteado para o serviço militar. Voltando à vida civil, trazia a novela "Oscarina" — memórias de sua vida de soldado, que foi publicada na "Folha Literária", de São Paulo. Em 1931 publicava seu primeiro livro: reunião de contos encabeçada pela sua primeira novela.

Favendo literatura infantil publicada: "A casa das três rolinhas", prêmio de literatura infantil do Ministério de Educação, "Aventuras de Barrigudinho", e "Pequena história de amor", obra unanimemente escolhida para o concurso de literatura infantil americano de Washington, todos em colaboração com Arnaldo Tabaldi. De parceria com o artista Santa Rosa publicou: "ABC de João e Maria", "Tabaldi de João e Maria" e "Amigos e Inimigos de João e Maria".

Bibliografia de Marques Rebelo

- A — FICÇÃO E CRÍTICA**
— OSCARINA — contos. 1931
193 páginas — Schmidt Edi-
tor — Rio.
— TRÊS CAMINHOS — con-
tos. 1933 — 127 páginas — Ariel
Rio.
— MARAFÁ — Grande prê-
mio de romance "Machado de
Assis", 1935 — 217 páginas —
Comp. Edit. Nacional — S.
Paulo.
— A ESTRELA SOBE — ro-
mance. 1939 — 280 páginas —
José Olympio — Rio.
— RUA ALEGRE 12 — tea-
tro. 1940.
— SUELA ME ABRIU A POR-
TA — contos. 1942 — 171 pági-
nas — Livraria do Globo — P.
Algre.
— VIDA E OBRA DE MA-
NUEL ANTONIO DE ALMEIDA
— biografia. 1943 — 132 pági-
nas — Instituto Nacional do Li-
vro.
— SUITE BRASILEIRO —
crônicas sobre o Brasil (no
prelo).
- B — LITERATURA INFANTIL**
— A CASA DAS TRÊS RO-
LINHAS — prêmio de litera-
tura infantil do Ministério de
Educação, em colaboração com
Arnaldo Tabala.
— AVENTURAS DE BARRI-
GUDINHO — Idem.
— PEQUENA HISTÓRIA DE
AMOR — selecionado por ana-
nimidade para o concurso de
literatura Interamericano de
Washington. Idem.
— ABC DE JOÃO E MARIA
— Em colaboração com Santa
Rosa.
— TABUADA DE JOÃO E
MARIA — Idem.
— AMIGOS E INIMIGOS DE
JOÃO E MARIA — Idem.
C — TRADIÇÕES
— STENDHAL — "Do amor",
em colaboração com Corrêa de
Sá.
— PAUL DE KRUIF — "A
luta contra a morte".
— ESSAD-BEY — "Nicolau
II".
— JOSEPH CONRAD — "A
flecha de ouro".

Páginas de um Diário — *Marques Rebelo*

Contínua trancisei os en-
cantos de Miguelina e Migueli-
na me confessou, no reserpa-
do café, que não era casada.
Isto é, era casada na Baía, e a
bem casada, mas que fugira
com um rapaz com quem agora
não tinha filhos. Os belos
olhos verdes ficaram malhada-
dos, era uma loucura, uma tre-
menda loucura! Se nunca amou
o marido, se o seu casamento
foi uma imposição dos pais,
porque ele era rico, a verdade
é que tinha sido bom para ela,
mas o bom mesmo. E sentia-se
tanto sem amor como outrora na
leito conjugal. Sim, sem amor!
Estava abandonada, mal trata-
da, pisada, preterida. Que cas-
tigo! O seu homem! Inha, out-
ra mulher. Para a outra, tudo, não
raspam muito bem na rua Frei-
Caneca, comprara um rádio

O pior é o medo. Muitas vezes, somos assustados por coisas, interessados demais, culpados, porque damos muita importância à segurança física e ao dinheiro que rasqueia para o orifício. Cada palavra e cada nuvem dá uma oportunidade. Chega-se a compreender que uma certa incerteza, a incerteza na vida repete nas palavras falas, nas ações, atitudes, na habilidade dos pontos cautelosos. A alma humana teria outro valor se não fosse a coragem, se pelo menos se libertasse de metade do medo em que se enquistou para tornar possível.

"E o marinho matou o dragão, casou-se com a filha do rei e viveu sempre pensando com arrependimento no dracão".

Roberto morreu hoje e eu não fui ao seu enterro. Fiquei preso a cama com uma grande dor nos olhos e um mal cheiro quando sei se será uma gripe ou um abortamento. Mas, quando acompanhá-lo corréu de hospital, para fazer o pequeno exame, e eu não estava lá, quando ele chegou e brincou no meu colo, eu estava sentindo a dor e eu estava com a cabeça muito quente e bruciada no meu corpo. Eu estava com a cabeça muito quente e bruciada no meu corpo. Eu estava com a cabeça muito quente e bruciada no meu corpo.

Garcia não tem brilho de romancesa, mas em tudo que se movimenta humanizado e tanta necessidade que me preenche a vida horas e horas, palmeiras, com o gosto muito doce de admirar virtudes que não tenho. O que torna insuperável a relação alheia e que ela sempre faz a minha.

Evocar a graça que eu perdi
A pureza infantil, a ternura in-
cinerada. As pulcraes não foram
os pestos me abundando. E
fada, é densa. E luz e
Amo-te na poe do vento, na
sombra das árvores, na
do céu. E a terra, Juvem, Fi-
riva, Margarida, Estela, Fi-
rina, todas elas, sob o
uma teus o abraço de
o brago, teu ardo, teu
rullo do passado, teu
de um amor perdido, teu
te, teu amor, tua
Estrela, a teus me, a
e Catarina, quem
do da Estrela, quem
meiras estranhas, a
revelar tanto a te
macha exorta. Com
baptar, a teus me, a
rei do teu lado e a
plante, que me
Quando me sonas, quando
beijares e um
tardar no hulto que vem do
da tua boca.

(AUTORES E LIVROS — V. 3.^o — pág. 267).

— SYDNEY HORLER — "A
volta de Vivanti"
— EDGAR WALLACE —
"Trapaceiros em alto mar"
— R. M. BALLANTYNE
"O caçador de gorilas"
— F. WILLS CROFTS — "A
tragédia de Starvel"
D — TRADUCOS REVISTAS
— IVAN TURGENEV —
"Rudine"
— GUSTAVO FLAUBERT —
"Salambo"
— ANATOLE FRANCE — "O
lirio vermelho"
— ANATOLE FRANCE — "A
história cômica"
— GÖTHE — "Werther"
(com uma introdução),
— DOSTOEVSKI — "Crime
e castigo"
— VOLTAIRE — "O inép-
tue"
— BALZAC — "A mulher de
30 anos"

UMA POETISA DESCONHECIDA D. Gabriela de Mucio Andrada Dias — Lobo

Na galeria das mulheres ilustres do Brasil, é preciso dar um lugar a D. Gabriela de Andrada, que foi casada com o poeta Teófilo Dias. É uma figura suave e pudemos vê-la como a personagem de um romance ingênuo e idílico.

Teófilo Dias era sobrinho de Gonçalves Dias e nasceu no Maranhão em 1857. Filho de gente pauperrima, foi primeiramente para o Pará, com o pensamento de fazer-se empregado no comércio, ou, na melhor hipótese, iniciar a carreira das armas. Nem uma coisa nem outra. E deliberou vir tentar a vida no Rio. Aqui foi professor particular e depois obteve um pequeno lugar numa secretaria do Estado. Resolveu estudar Direito e partiu para S. Paulo. Era ao que depois os seus contemporâneos: um homem singularíssimo, capaz de fazer uma viagem daqui para Santos levando como única bagagem a "Morte de Dom João", de Junqueiro. Nada tinha de seu — muita vez não tinha sequer uma roupa para sair. As coisas porém, lhe entraram às vezes do céu. Não criou a ideia de nas "repúblicas"

em que morava, ou em outras onde moravam os amigos, sem possuir umas calças e um paletó para ir à rua — quando batia à porta um carregador levando todo um terno novo de presente para ele, Teófilo não indagava quem lhe tinha enviado o presente. Vestia a fatiada, mistériosamente chegada, e ia para a Faculdade, para a redação dos jornais em que trabalhava, para os botecoquinhos onde se encontrava com os amigos. R com isso que capacidade estranhíssima de se ausentar dos assuntos comuns! Ia ao ponto de esquecer o nome dos amigos mais chegados. Afonso Celso relata por exemplo que certa vez indo Teófilo por uma rua em companhia de Assis Brasil, que era um dos seus amigos mais íntimos, encontrou um colega que Brasil não conhecia. Resolveu apresentá-lo; pois não houve maneira de se lembrar do nome do amigo.

Foi esse poeta, pobre e tão exultante, que chegou a S. Paulo para estudar Direito. A princípio foi morar numa "república" com Fontoura Xavier. Mas

em breve Fontoura Xavier, desaprovado nos exames do curso de Direito da Faculdade de Direito, deliberou regressar ao Rio. Ficava Teófilo sozinho. Que fazer?

Foi nessa abertura que o poeta encontrou um socorro providencial, na bondade do Conselheiro Martin Francisco. Este o levou para residir em sua casa. Estreitaram-se, assim, os laços de estima que prendiam o poeta à família do prestigioso político. E nasceu um grande amor entre Teófilo Dias e a filha primogênita de Martin Francisco, D. Gabriela. Casaram-se em 1880.

Do seu casamento houve dois filhos — Gabriela Margarida e Teófilo.

O namoro do poeta de 20 anos com a meiga menina parece ter sido um romance do mais doce lirismo. A gentil Gabriela dava ao seu namorado pobre e de condição obscura todas as demonstrações possíveis de carinho e de dedicação. Zeia por ele, não permite que ele esqueça os seus deveres de amigo e filho. Como Teófilo tarda em escrever à mãe, ela traz a pena, senta-o à mesa, faz com que ele encha bem cheia uma folha de papel. Depois ela própria escreve, em "post-scriptum": — "Sra. D. Joana Angelica Dias de Mesquita. O sr. dr. Teófilo não queria escrever, mas uma irmazinha nova que ele tem tanto pediu que ele escrevesse, Gabriela de Andrada". Apaixonada pelo moço como esta, ela deseja transmitir a Dona Joana Angelica as informações exatas sobre sua própria família. Veja-se que encanto de tom meigo e ingênuo a carta em que, pela primeira vez, ela se dirige a mãe do seu poeta:

"Minha Senhora: Tenho o prazer de responder à amável pergunta de V. Ex.ª, fazendo-lhe a apresentação de todos os novos irmãos do sr. dr. Teófilo. Ele tem agora, além da sra. d. Maria Jose e do sr. Antônio, que ele deixou em Maranhão, mais 8, que são filhos do conselheiro Martin Francisco Ribeiro de Andrada; o irmão mais velho destes novos que ele tem é o dr. Martin Francisco Júnior, advogado e deputado liberal pela provincia de São Paulo; o segundo é o estudante do 6º ano de engenharia, Antônio Manuel Bueno de Andrada; o 3º é o estudante do 1º ano de direito, José Bonifácio Bueno de Andrada; das irmãs, a mais velha e esta sua criada que está lhe escrevendo esta carta, que se chama Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada; a 2ª, Ana Margarida Bueno de Andrada, e a 3ª, Maria Flora Bueno de Andrada. Está feita a apresentação. Agora passo a contar a V. Ex.ª, que nós todos queremos muito

bem ao sr. Teófilo e que mamãe e papai o estimam tanto que eu as vezes tenho ciúme. Su termino pedindo desculpa a V. Ex.ª, de me animar de lhe escrever sem ter o gosto de conhecê-la, mas faço isso porque tanto quanto será grato ao coração de uma mãe saber que seu filho achou em terra estranha pessoas que o estimam e o avaliam devidamente. Vossa Ex.ª disponha de quem não é um anjo, mas que estima muito a seu filho, e que com todo respeito se assina de V. Ex.ª.

Amiga, criada e obrigada, Gabriela de Andrada."

Essa menina se torna de fato, o anjo suave da vida de Teófilo Dias. E quantas vezes o protege, nos seus esquecimentos nas suas distrações, nas suas ausências! Mostremos um documento dos mais curiosos nesse sentido. D. Maria Jose, a irmã de Teófilo Dias, escrevera a d. Gabriela — ainda sem conhecê-la — uma carta. Teófilo esqueceu o documento ao Deus saberia onde, perdeu-o, como perderia qualquer outro. Aflição, recorreu à bondade da menina: que ela respondesse a Maria Jose, que ela respondesse à carta que não lhe tinha chegado às mãos. Ela como d. Gabriela se desincumbiu da difícil tarefa:

"Minha presada Mãe, Barbacena, 23 de agosto de 1880.

Seu mano está muito certinho: não me mandou entregar a carta que a Sra. teve a amabilidade de me escrever, e agora está sem saber como se há de haver e me pede que lhe responda!

Eu não sei o que a Sra me disse, mas como naturalmente me disse coisas muito bonitas, de todo o coração as agradeço, e peço-lhe desculpas de não ter respondido há mais tempo à sua carta (que não recebi). Peço-lhe também que por esta vez perdoe a seu irmão o grande crime que cometeu; e a Sra. creia na amizade de sua mana, que já lhe quer muito bem, mesmo antes de a conhecer.

Apresento os meus respeitos ao sr. dr. Mesquita, e sou de todo o coração.

Sua mana e amiga

Gabriel de Andrada". Sim: essa irmazinha nova, essa que não é um anjo — val ser, de ora por diante, o anjo meigo e vigilante, embalando de ternura a vida do pobre poeta. Por ela, pelo prestígio da família dela, ele irá até a carreira política até a deputação. E quem quer que deseje estudar a vida de Teófilo Dias não poderá deixar de dar um grande lugar em sua biografia, à companheira doce e encantadora que o destino lhe deu — d. Gabriela de Andrada.

P. — S. Maria Eugénia Celso, que co-

nheceu d. Gabriela pessoalmente, faz-me ver que ela não era apenas doce e suave, mas também empregada com referência àquela que foi esposa de Teófilo Dias. Acrescenta que a impressão que lhe ficou do conhecimento que teve de d. Gabriela foi, antes, a de uma mulher enérgica e vivaz, simpática e satírica — uma autêntica



D. Gabriela de Andrada Dias, numa reconstrução de Rocco.

do irreverente Martin Francisco do Contribuinte, e do Visconde. Aceito a observação de Maria Eugénia Celso, mas não que ela se prende às fases inferiores da vida de d. Gabriela. No momento em que a vida de d. Gabriela se desincumbiu da difícil tarefa de cuidar da educação da mocinha mal saída da adocência, mocinha que estava acostumada por um poeta lírico e pauperrimo — a única impressão que ela me deixou foi a de uma mulher que se deu ao trabalho de da doçura e da suavidade.

NOTICIA SOBRE OLIVEIRA LIMA

(Continuação da pág. 125)

ção de sua biblioteca pessoal, principalmente de assuntos brasileiros e americanos, e composto de perto de cinquenta mil volumes, a biblioteca que doou à Universidade Católica. Faleceu Oliveira Lima em Washington, em 24 de março de 1928, sendo substituído na Academia Brasileira por Alberto Pavia.



Teófilo Dias, num desenho de Armando Pacheco

CIRCO DE COELHINHOS -- Marques Rebelo

largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Franciscão! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela. Todos correram. Titia já se encontrava ajoelhada. Calmos de joelhos também, rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão críoula do pequenino morto. Titia soluçava alto.

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido preto, nada poupou para o enterro. — Pobre Silvino! chorava pelos cantos, entre os abraços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquina, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompañei-o até ao Inhamã, no primeiro text após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas em que os homens se descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei reboeto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de Titia ofereceu naquela

dia, rosas brancas, irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti único no amor dos meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta onde quisessem, livres, se empacalhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando um moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscava o olho com soorancinhas carregadas.

— E, — — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dele às léguas.

Morreram, um dia, egos: os olhos como com as vistas perderam a cor, se cobriram de um véu opaco. Morreram, um dia, cheios de calombos na barriga, amedrontavam Titia: "Será bubônica, Virgem Santíssima?" Não, era velhice, explicou o Manuel quando que parece tudo sabia a respeito de semelhantes coisas. Morreram Titia, penalizada, esperou que bem me entristecessem. Como porém, não sentisse tristeza alguma, procurei esconder-lhe este indício de perigosa imensidade:

— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Titia se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim. No íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha ideia fixa. Jogava de baco, jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

(*"Três caminhos"*)

ALGUNS SONETOS DE GABRIELA — de Andrade Dias

SAUDADE

Na vida na manhã tudo é bonança,
Tudo é luz, tudo flor, tudo harmonia;
De cantos de suavíssima poesia,
Que nos embala em sonhos de esperança.

Na ventura ao lábio da criança;
Na saudade a alegre fantasia,
Na vida da ilusão que a inebria,
Na vida busco o prazer, em vão se cansa.

Porém os anos, e com eles passam,
E por uma, todas as quimeras,
E os invernos, fogem primaveras...
E no azul do céu, onde esvoaçam,
As saudades das passadas eras,
E os sonhos da vida que porpassam...

Setembro, 1900.

O MISTERIO

Uma frase de luz que nos fascina,
Um gesto retraído, um rir medroso,
Um fundo olhar, buscando o tenebroso
Mistério deste ser que nos domina...

Um pensamento — água peregrina —
Incessante, a voar vertiginoso...
Até encontrar na inexorável ruína
Da suprema verdade o intenso gozo...

Um contraste de força e de fraqueza,
Tão grande e no mesmo tempo tão modesto
E' um produto gentil da natureza...

E esse mistério é que nos deixa o meste
Coração todo imerso na tristeza
De saber o principio e não o resto...

VENCIDA

A alma, longe de mim, vaga no espaço;
Um ser misterioso me fascina;
Um olhar que eu não vejo me domina,
Prende-me inerme um invencível laço.

Eu não sei onde estou, não sei que faço;
Nem uma luz a treva me ilumina!
Escrava nesta garra leonina,
Luto, e em vão energias despedaço...

E grande como são as minhas mágoas,
E mais forte do que eu esta serpente,
Misterioso ser de ignotas fraquezas,
Perdendo as forças nesta luta ingente,

Como a folha bolando à flor das águas,
Eu me deixo levar pela corrente.

SONETO

Em qual sonho sem ventura,
Sua pálida que a pálida quimera,
Vem no seu olhar, que, nada espera,
Que vive a sorrir à sepultura...

Alma, uma estrela nesta vida escura;
Torna no nascer da primavera...
Como tem o riso que lacera,
Como o lábio sorri na desventura.

É tão gentil que eu sei fora bastante,
Para encher esta rosa que esmorece,
E a hora de valsa delirante,
Por não assim, é tão linda esta criança,

Que eu lhe dera a existência, se me desse
O prado, uma palavra de esperança.

21 — Janeiro — 1875.

A ULTIMA LAGRIMA

Completamente só e abandonada,
Sem um único arrimo, sem conforto,
Tudo em torno de mim é triste, é morto,
— Horrrosa lagôa estagnada...

Digo adeus a esta vida desgraçada,
Quebro a cadêta que a gemer suporto.
Sem saudades, com calma, não me importo
Para onde pela morte sou levada...

Encontro em ti, oh! lâmina assassina,
Único alívio que a meu mal imploro,
O golpe com que a morte me fulmina.

Um a um os martírios rememoro
Deste acerto sofrer que hoje termina...
Esta é a última lágrima que choro...

RITINHA

Um quê de ave saltitante e leve,
Uns olhinhos brilhantes expressivos,
Na face moreninha uns tons lascivos,
Os dentes miudinhos cor de neve;

Os lábios cor de rosa, a boca breve,
Os pesinhos gentis diminutivos,
De meiga intimidade uns tons esquivos,
Se nos furtia a expressão, se não descrevel

E' um misto de flor e de poesia,
Uma endeiça suave, um puro encanto,
Uma frase de luz e de harmonia,

Que nos transporta em lânguido quebranto,
Que nos exalta a louca fantasia,
Que nos faz esquecer a dor e o pranto!

2-4-1900 (O Iris. S. Paulo — 10-5-1900)

SONETO

De Sixto Quinto o olhar remexo e tristonho
Recorda o teu aspecto sorumbático.
O povo, a te mirar, pergunta, extático:
"Será um poeta a labutar num sonho?..."

Porém eu que nos li os pontos ponho,
Vou contar o mistério numismático
De tua preocupação o alvo pratico,
Que te faz caminhar curvo e bisonho...

Não procuras no solo brasileiro
Colher as palmas de vibrante louro,
Nem as venturas de um amor primeiro.

Procuras o recôndito tesouro...
Guardas na mente o sonho prazenteiro
De achar no Guarajá uma urna de ouro...

ALZIRA

Sorrindo por entre flores,
Vai a minha mensageira
Levar a ti, felicidade,
Os mais suaves olores.

Do meu jardim os primores
Eu te envio, prasenteira,
Querendo que a vida inteira
Te seja um eden de amores.

17-1-1908.

O RETRATO

Alívio voraz e a morte impura
Tudo o fogo reduz a cinza fria
Teu olhar de fervida ternura,
Teus lábios de olimpia ambrosia

Teu sabor dos teus beijos, da loucura
Que me ser no teu se dissolvia,
Que me resta? — Horrível ironia!
Um pallido retrato em tela escura!

Que triste aos poucos, solitário, expira,
Teu rode asa do tempo exposto à ira,
Como eu às garras de fatal destino...

Não poderás matá-lo na memória
De Arte e da Vida, oh! rábido assassino,
Aquele que me foi prazer e glória!

28 — Maio — 1802.

RECORDAÇÃO

Aqui, neste divan, onde repouso
Os membros fatigados, sonolentos,
Tristemente me lembro dos momentos
Em que te meus braços tive o extremo gozo.

Inda recordo o olhar misterioso
Com que mal disfarçavas os tormentos
De tua vida de martírios lentos,
De um ignoto combate tormentoso.

Da palidez mármorea do teu rosto
Inda me lembro, quando me disastes:
"— Amanhã nos veremos ao sol-posto..."

Recordo o último gesto que fizeste...
E nos meus lábios ainda guardo o gosto
Do beijo que, como um adeus, me deste...

DOIS OASIS

A MINHA FILHA

Dois oasis no deserto extenso
Da minha vida, onde se apagam dores;
Um tem fontes e sombras e fulgores,
O outro, o dormir no seio bom do Imenso.

— "Queimaste os pés nesse brazeiro intenso?
Morta de sede? — (um diz) — "Tens água e flores."
Óh! Beve! Esquece os anargeros.
Eu sou o Amor, que as desventuras venço..."

Esse diz com voz sonora e calma
— "Cansaste? Vem! Desprende o pensamento,
Deixa-o voar nas asas brancas da alma..."

Arde-te a meu seio, e num momento
Um sono dormirás que a angústia acalma;
Eu sou a Morte, eu sou o Esquecimento".

Um documento referente à biografia de Teófilo Dias

Entre os papéis do arquivo de D. Gabriela Barbosa, filha de Teófilo Dias, encontramos o documento que publicamos a seguir, e que nos parece muito interessante. E' o recibo de enterro do poeta, enviado a D. Gabriela de Andrade Dias no dia seguinte ao enterro, e assinado por João da Cruz, representante da Empresa Funerária Fernandes Azevedo & Cia.

Eis o recibo:

"A Ilma. e Exma. Sra. D. Gabriela de Andrade Dias de Mesquita deve:

1 Caixaão	80.000
Sala mortuária	20.000
3 Velas de 1/2	6.400
1 Coche de 1ª	50.00
1 Caleça para Bdo. Viz	10.000
1 Caleça	15.000
	181.400

VISITA A FRANCIS JAMMES — Ribeiro Couto

Em novembro de 1929 fui ver Francis Jammes, que já então deixara Orthez, perto de Pau por Hasparren, no país basco. Francis Jammes recorda, por testemunho, de uma velha devota bearnesa, uma propriedade rural situada na montanha, às portas da vilazinha de Hasparren. A testadora imusera como condição que a filha iria devesa morar o

graça da natureza, o esplendor dos trabalhos de Deus. Este poeta é católico e é pobre. Muito pobre. Tem muitos filhos. Deixou-lhe a sua fortuna, que ele poderia continuar cantando... E no paraíso todos os santos ficarão contentes — como a senhora terá um dia ocasião de ver pessoalmente.

Não sei se o diálogo entre o viário e a velha foi precisamente

Assim se explica que tendo passado a maior parte da existência no pequenino burgo de Orthez, o poeta de Clara d'Eliebeuse, já depois de velho, se haja mudado para Hasparren, que não é muito longe, aliás: menos de um dia de viagem. Porém, entre o Bearn e o país basco, há mais do que uma fronteira histórica e administrativa: há as diferenças de raça. E há a língua basca, fron-

Jammes e a sua família — e é como se fosse outro continente. Estava isolado pela raça, pela língua... Língua tão difícil que, para aprendê-la, conforme me informaram, é preciso, durante sete anos pelo menos, dormir debaixo do mesmo teto que cobre uma mulher basca...

Em Bayonne esperava-me, na posta restante, o telegrama de Francis Jammes: "Amanhã pela manhã aqui em casa. Espero-o". Tomei a diligência para Hasparren naquela tarde mesmo. (Prefiro dizer diligência, pois o ambiente de Bayonne convida a lembrar coisas e expressões desusadas: trata-se, em verdade, de um amplo e confortável autocarro).

O autocarro lá cheio de camponeses. Foi aprendendo algumas palavras de basco, e creio que bom dia, por exemplo, se diz — "Ederrrik eborttrak": porém, não posso garanti-lo.

A noitinha, à hora de jantar, cheguei a Hasparren. Logo me disseram no hotel que Monsieur Francis Jammes, "on ne le gobait pas beaucoup dans le pays".

— Por que? Indaguei surpreso. E então soube disto: apesar de ter todas as manhãs com a mulher e os filhos, muito cedo, à missa na igreja da cidade, os hasparrenenses acreditavam que Monsieur Francis Jammes era um antigo protestante convertido ao catolicismo... O nome, com efeito, parece inglês... E quem tem nome inglês, é de origem protestante... — concluíam eles.

Na verdade, o que havia em tudo isso era a prevenção instilada dos bascos contra gente de fora e de outra raça. Os agorados da "métairie", que trabalhavam nos campos e nos campos de feno de Francis Jammes, queriam-lhe bem. Mas, a população da cidadezinha criava em torno do velho poeta uma atmosfera de fadísticas suspeitas.

No dia seguinte, pela manhã, fui à casa de Francis Jammes.

cerca de um quilómetro fora da porta. Ele me esperava com a longa barba branca espalhada no peito — e, por baixo da barba, uma gravata vermelha, com um laço a borboleta. Corpulento, de olhos, vermelho, era a imagem de um senhor feudal: mas um senhor feudal que tivesse, tipicamente, a alma de um transeuropeu pai de família e ao mesmo tempo de um santo.

Eu devia seguir viagem para a Espanha e ele procura reter-me em Hasparren. Horas depois de nos termos pela primeira vez conhecido, eu não o conhecia familiarmente, à maneira brasileira:

— Fique. Se você ficar, dentro de poucos dias seremos irmãos amigos.

Houve, realmente, entre o grande poeta francês e o pequeno provinciano brasileiro uma comunicação de planos morais e correntes de sensibilidade. Ficamos de acordo sobre livros, sobre idéias, sobre pessoas. As noites levadas do castelo feudal baixaram para mim. O Virgílio do nosso século era antes de tudo um homem, com tudo que há de simples e natural nesta palavra: um homem. Na sua alma, o tempo não deixava marcas. Apesar da barba parecia um disfarce, pois dentro ele era sempre um adolescente, espontâneo, alegre e um pouco mordaz. Com isso, era também um espírito enérgico e combativo. Os burricos que Francis Jammes celebrizou, ensinam-nos que eles também sobem ao paraíso, representam apenas o lado franciscano e idílico da sua obra. Se atentarmos bem, os burricos que põem chispas pelas narinas — e afinal se convertem em pequenos dragões. O amor a Deus e o amor da natureza, em Francis Jammes, são paixões evidentes, que a sua humildade de poeta transformou em imagens campestres: como Babel que desabrochava sobre um terreno vulcânico.

(Sembrar — Março 1944)



Francis Jammes

direito. A velha devota nem sequer o conhecia. Sentindo-se enfeada, fora pedir conselho ao viário:

— Quero fazer testamento e praticar uma boa obra. A quem deixarei a metairie que possuo em Hasparren?

O viário, amigo de Francis Jammes, refletiu um instante: e depois:

— Olhe, quer praticar mesmo uma boa obra? Pois bem, nós temos aqui no país um poeta que consagrou todo os seus cantos a louvar o coração das simples, a

assim; sei que ele deu, com efeito, o caridoso conselho. Dai a tempos, a devota morria: e pelo testamento Francis Jammes recebia terras, recebia casas, recebia um pomar, burrinhos, vaquinhas... Francis Jammes ganhava todo um poema de Francis Jammes; não em ritmos e melodias mas em matéria concreta.

No entanto, a condição ali estava, imperativa: o poeta deveria viver daí por diante nas terras doadas. E essas terras estavam da outra banda do vale, nos Pirineus bascos.

teira intransponível para um bearnês, como Francis Jammes.

O Bearn fala um patuá da língua d'oc, uma variante do provençal, que tem até mesmo a sua literatura, o seu folclore. É a língua de Henrique IV, cuja estátua se ergue em Pau, com a inscrição: Lou nostro Henry. Além do vale do Gave começam as faldas da serra — a serra dos Pirineus, habitada pelo povo basco, que fala um idioma áspero, misterioso, sem afinidades com nenhuma outra língua europeia. Para ali se transferiu Francis

FLOR SECULAR — J. M. de Heredia

Sobre a rocha calcárea — ante o último colina
Onde outrora estancou o fluxo de um vulcão,
A semente que o vento alçou em turbilhão,
Lançada ao Gualatieri, ogorro-se, germina.

Frágil cresceu. Na sombra onde a raiz confina
Seu tronco hauriu a seiva inflamada do chão,
E, em um século, o sol sozonou o botão
De porte colossal, que a débil haste inclina.

Entim, no ar abrasado e que ainda mais esquento,
Sob o pistilo enorme ele expande, rebento,
E o estame joga, ao longe, o pólen multicolor;

E o grandioso alodé da flor rubra e tordia,
Para o ignoto himeneu que sonhou seu amor,
Tem cem anos de vida e só florir um dia.

NOTA — Este soneto, tradução de Severino Montenegro, sai hoje republicado, por ter aparecido com erros no nosso número anterior.

CANTIGA — Luiz Mota

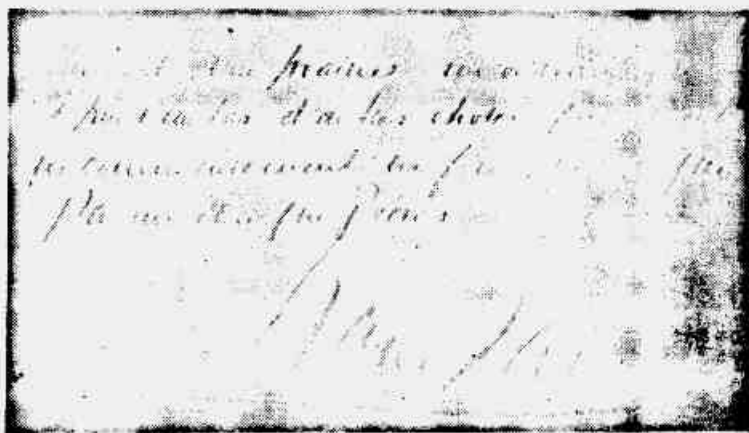
— I —
Meiga estrela dos meus dias,
em que é que vossa alma sonha,
quando estais assim tristonha?

Quais serão os tão sombrios
máguas que continuamente
se agitam em vossa mente?

— II —

Ah! meiga estrela piedosa,
se eu pudeste ser a cisma
em que vossa ser se obisma!

Que glória maravilhosa,
ser um momento a razão
de vossa meditação!



"Foi - similitude" de um autógrafo de Francis Jammes. "Un ciel, une prairie, un oiseau, et plus un tas d'autres choses qui n'ont ni commencement ni fin, c'est ce que j'aime et à qui j'écris."